



A NOITE NA TAVERNA

CONTOS PHANTASTICOS

POR

ALVARES DE AZEVEDO

ACOMPANHADO DA BIOGRAPHIA DO AUCTOR

POR

J. M. DE MACEDO

RIO DE JANEIRO

A venda na livraria dos editores

MAIA & RAMOS

113 — Rua de S. José — 113

1878

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE J. H. VERDE
117 — Rua do Alecrim — 121

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

Filho legitimo do dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo e de D. Maria Luiza da Motta Azevedo, Manuel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de S. Paulo aos 12 de setembro de 1831, quando seu pae seguia o curso da escola juridica.

Patenteou desde a infancia extraordinaria intelligencia.

Trazido para o Rio de Janeiro, d'onde seu pae era natural, e onde seguiu por alguns annos a carreira da magistratura, que abandonou depois pela advocacia, começou na capital do imperio a sua educação litteraria com admiração de todos os seus mestres a quem surprehendiam seu raro talento e brilhante imaginação.

Em 1845, feitos os necessários exames, matriculou-se no quinto anno do Imperial Collegio de D. Pedro II e no de 1847 tomou o grau de bacharel em lettras.

Em 1848 matriculou-se no primeiro anno do curso juridico de S. Paulo, e até 1851, em que completou o seu quarto e penultimo anno academico radiou como estudante de primeira ordem, a quem não contentava o estudo das materias nos auctores adoptados para o ensino, illustrando-se com a consulta e accurado exame de obras numerosas de grandes jurisconsultos.

Mas ainda assim sobrava muito tempo a essa intelligencia privilegiada para em vôos de arrojada inspiração perlustrar os immensos espaços da litteratura: aguia ainda no berço fitava as emnencias da luz: a Biblia, os Cantos de Ossin, Goethe, Uhland, Shakspeare, Chenier, Lamartine, e Tasso foram os livros e os poetas da sua predilecção.

E de todos o mais querido, o mais seu predilecto, talvez o mais influente foi Byron.

Alvares de Azevedo principiou a escrever, e revelou-se desde o primeiro dia poeta inspirado, e prosador de grande merecimento.

Tendo feito os seus exames de quarto anno, retirou-se de S. Paulo afim de passar os mezes de ferias com seus paes; mas, notavel presentimento! apoderou-se de Alvares de Azevedo a idéa de que proximo estava o termo de sua vida, e que não lhe seria dado completar o curso academico e laurear-se com o gráo de douctor, ao qual com direito aspirava.

No corpo dos academicos de S. Paulo era acceito o prejuizo de que no quinto anno morria sempre um dos estudantes que o cursavam.

Alvares de Azevedo dizia:

—Sou eu o quintanista que ha de morrer em 1852. E com effeito foi elle!...

Terrivel e inesperada enfermidade o prostrou no leito em principio de março d'aquelle anno, e depois de quarenta e seis dias passados em tormentos, em apprehensões sinistras, e em dúbias esperanças, veio enfim a morte, e aquelle genio apagou-se aos vinte e um annos de idade.

Extremos, alvoroços, lagrimas e afflicções, quasi o infinito em cuidados, todos os recursos imaginaveis, todo o empenho estremeado dos paes, dos irmãos, e dos medicos foram infructiferos.

O joven poeta recebeu resignado e constricto os soccorros da religião.

Na manhã de 21 de abril, consolou sua mãe, simulando piedosa esperanza que não tinha, e momentos depois, vendo-a affastada, e só junto de seu leito o desvelado dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo, que sem poder fallar lhe apertava as mãos, disse tristemente:

—Que fatalidade, meu pae!...

Foram as suas ultimas palavras. Perdeu a voz, cerrou os olhos, e horas depois o anjo do amor, e o anjo da harmonia em suas azas candidas levaram ao Senhor a alma d'aquelle genio peregrino.

Poeta de imaginação vulcanica, Manuel Anto-

nio Alvares de Azevedo quasi que assombra pelos severos estudos que fez em jurisprudencia: era conhecedor muito apurado do direito romano: no direito mercantil deixou annotado com esclarecido criterio o livro adoptado para o ensino no curso juridico de S. Paulo, e o codigo do commercio do Brazil fôra por elle analysado e confrontado com os codigos de outras nações, do que deram testemunho apontamentos, observações e notas, que escreveu.

Como poeta e prosador, Alvares de Azevedo deixou composições que enchém tres volumes publicados depois de sua morte. Poeta e prosador era o genio espontaneo que se estreava sem pretenções e como escrevendo ao acaso e de improviso.

E é preciso não esquecer que todas essas composições são perfumes da infancia, e apenas algumas filhas dos seus vinte annos de idade. Tudo quanto escreveu foi a primeira flôr de primavera apenas a desabrochar; nenhuma de suas composições foi fructo sazonado. E no emtanto que poderosa phantasia!.. que idéas arrojadas e ás vezes estupendas!.. que imaginação vulcanica, que inspirações muitas vezes tão suaves e delicadas!..

O seu logar estava marcado entre os primeiros poetas da lingua portugueza, se a morte o não tivesse roubado tão cedo á patria.

A sua evidente predilecção por Bryon foi causa de alguns defeitos que se notam em composições poeticas, em que ostenta certa originalidade extravagante; mas ainda n'ellas flammeja a sua romanesca e rica imaginação.

E sempre que Alvares de Azevedo poetou, deixando-se levar pelo proprio genio, e livre da influencia dos grandes poetas que amava, melhor e mais puro se revelou pela originalidade e pelo sentimento.

A sua ultima poesia, Canto do Cisne, inspirada dias antes de adoecer, pela idéa do proximo termo de sua vida, foi a seguinte:

SE EU MORRESSE ÁMANHÃ

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
 Fechar meus olhos minha triste irmã;
 Minha mãe de saudades morreria,
 Se eu morresse amanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro!
 Que aurora de porvir e que manhã!
 Eu perderei chorando essas corôas,
 Se eu morresse amanhã!

Que sol! que ceu azul! que doce n'alma,
 Acorda a natureza mais louçã!
 Não me batera tanto amor no peito,
 Se eu morresse amanhã.

Mas essa dôr da vida que devora
 A ancia de gloria, o dolorido afan...
 A dôr no peito emmudecera ao menos
 Se eu morresse amanhã!

(DO ANNO BIOGRAPHICO).

A NOITE NA TAVERNA

I

Uma noite do seculo

Bebamos! nem um canto de saudade!
Morrem na embriaguez da vida as dôres!
Que importam sonhos, illusões desfeitas?
Feneceem como as flôres!

JOSÉ BONIFACIO.

—Silencio, moços! acabai com essas cantilenas horriveis! Não vedes que as mulheres dormem ebrias, macilentas como defuntos? Não sentis que o somno da embriaguez pesa negro n'aquellas palpebras onde a belleza sigillou os olhares da volupia?

—Cala-te, Johann! enquanto as mulheres dormem e Arnold-o-louro cambalêa e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck, que muzica mais bella que o alarido da saturnal? Quando as nuvens correm negras no ceu como um bando de corvos errantes, e a lua desmaia como a luz de uma lampada sobre a alvura de uma belleza que dorme, que melhor noite que a passada ao reflexo das taças?

—És um louco, Bertram! não é a lua que lá

vai macilenta: é o relampago que passa e ri de escarneo ás agonias do povo que morre, aos soluços que seguem as mortalhas do cholera!

—O cholera! e que importa? Não ha por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulla a febre ainda ás ondas do vinho? não reluz em todo o seu fogo a lampada da vida da lanterna do craneo?

—Vinho! vinho! Não vês que as taças estão vazias e bebemos o vacuo, como um somnambulo?

—É o Fichtismo na embriaguez! espiritualista, bebe á immaterialidade da embriaguez!

—Oh! vazio! o meu copo está vazio! Olá! taverneira; não vês que as garrafas estão esgotadas? Não sabes desgraçada, que os labios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos enquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os borrija de lava?

—O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após os vapores do vinho os vapores da fumaça! Senhores, em nome de todas as nossas reminiscencias, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma ultima saudade! A taverneira ahi nos trouxe mais vinho: uma saude! O fumo é a imagem do idealismo, é o transumpto de tudo quanto ha mais vaporoso n'aquelle espiritualismo que nos falla da immortalidade da alma! e pois, ao fumo das Antilhas, á immortalidade da alma!

—Bravo! bravo!

Um urrah! triplice respondeu ao moço meio ebrio. Um conviva se ergueu entre a vozeria: contrastavam-lhe com as faces de moço as rugas da fronte e a rouxidão dos labios convulsos. Por entre os cabellos prateava-se-lhe o reflexo das luzes do festim. Fallou:

—Calai-vos, malditos! a immortalidade da alma! pobres doidos! e porque a alma é bella, porque não concebeis que esse ideal possa tornar-se em lodo e podridão, como as faces bellas da virgem morta, não podeis crer que elle mora? Doidos! nunca velada levastes por ventura uma noite á cabeceira de um cadaver? E então não duvidastes que elle não era morto, que aquelle peito e aquella fronte iam palpar de novo, aquellas palpebras iam abrir-se, que era apenas o opio do somno que emmudecia aquelle homem? Immortalidade da alma? e porque tambem não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes? Oh! não mil vezes! a alma não é, como a lua, sempre moça, nua e bella em sua virgindade eterna! a vida não é mais que a reunião ao acaso das moleculas attrahidas: o que era o corpo de mulher vai por ventura transformar-se n'um cipreste ou n'uma nuvem de miasmas: o que era um corpo de verme vai alvejar-se no calice da flôr ou na fronte da eriança mais loura e bella: como Schiller o disse, o atomo da intelligencia de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu vol-o direi: se entendeis a immortalidade pela metempsyose, bem! talvez eu creia um pouco; pelo Platonismo, não!

—Solferi! és um insensato! o materialismo é arido como o deserto, é escuro como um tumulo! A nós, fronte queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós, sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabellos, essas crenças frias? A nós os sonhos do espiritualismo.

—Archibald! deveras, que é um sonho tudo isso!

No outro tempo o sonho da minha cabeceira era o espirito puro ajoelhado no seu manto argenteo, n'um oceano de aromas e luzes. Illusões! a realidade é a febre do libertino, a taça na mão, a lasciva nos labios, e a mulher semi-núa, tremula e palpitante sobre os joelhos.

—Blasphemia! e não cres em mais nada? teu scepticismo derribou todas as estatuas do templo, mesmo a de Deus?

—Deus! crêr em Deus! sim como o grito intimo que se revela nas horas frias do medo, nas horas em que se tiritia de susto e que a morte parece roçar humida por nós!

Na jangada do naufrago, no cadafalso, no deserto, sempre banhada de suor frio do terror é que vem a crença em Deus!—Crêr n'elle como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem!

Mas, se entendeis por elle os idolos que os homens ergueram banhados de sangue, e o fanatismo beija em sua inanimação de marmore de ha cinco mil annos—não creio n'elle!

—E os livros santos?

—Miseria! quando me vierdes fallar em poesia

eu vos direi ahí ha folhas inspiradas pela natureza ardente d'aquella terra, como nem Homero as sonhou,—como a humanidade inteira ajoelhada sobre os tumulos do passado mais nunca lembrará! Mas quando me fallarem em verdades religiosas, em visões santas, nos desvarios d'aquelle povo estúpido, eu vos direi—miseria! miserias! tres vezes miserias! Tudo aquillo é falso: mentira como as miragens do deserto!

—Estás ebrio, Johann! O atheismo é a insanias como o idealismo mystico de Schelling, o pantheismo de Spinoza o judeu, e o esterismo crenate de Mabelebranche nos seus sonhos da visão em Deus. A verdadeira philosophia é o epicurismo. Hume bem o disse: o fim do homem é o prazer. Dahi vêde que é o elemento sensível quem domina. E pois ergamo-nos, nós que amrellecemos nas noites desbotadas de estudo insano, e vimos que a sciencia é falsa e esquiva, que ella mente e embriaga como um beijo de mulher.

—Bem! muito bem! é um toast de respeito!

—Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digam: Ao Deus Pan da natureza, aquelle que a antiguidade chamou Baccho, o filho das côxas de um Deus e do amor de uma mulher, e que nós chamamos melhor pelo seu nome—o vinho.

—Ao vinho! ao vinho!

Os copos cahiram vazios na mesa.

—Agora ouvi-me, senhores! entre uma saude e uma baforada de fumaça, quando as cabeças queimão e os cotovelos se estendem na toalha mo-

lhada de vinho, como os braços do carniceiro no cepo gottejante, o que nos cabe é uma hitoria sanguinolenta, um daquelles contos fantasticos— como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg!

—Uma historia medonha, não, Archibalde? fallou um moço pallido que a esse reclamo erguêra a cabeça amarellenta. Pois bem, dir-vos-hei uma historia. Mas quanto a essa, podeis tremer a gosto, podeis suar a frio da fronte grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

—Solferi! Solferi! ahi vens com teus sonhos!

—Conta!

Solferi fallou: os mais fizeram silencio.

II

Solfieri

... Yet one kiss on your pale clay
And those lips once so wam-my heart! my heart.

BYRON, CAIN.

Sabeis... Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amázia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido.

É um requintar de goso blasphemo que mescla o sacrilegio á convulsão do amor, o beijo lascivo á embriaguez da crença.

Era em Roma. Uma noite a lua ia bella como vae sempre no verão por aquelle céu morno; e o fresco das aguas se exhalava como um suspiro do Tibre. A noite ia bella.—Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagaram uma por uma nos palacios, as ruas se fazião ermas, e a lua de somnolenta se escondia no leito de nuvens.

Uma sombra de mulher appareceu n'uma janelle solitaria e escura. Era uma fórma branca.

—A face d'aquella mulher era como de uma estatua pallida á lua. Pelas faces della, como gottas de uma taça cahida, rollavam fios de lagrimas.

Eu me encostei á aresta de um palacio.—A visão desapareceu no escuro da janella, e d'ahi um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa; havia n'aquelle cantar um como chôro de phrenesi, um como gemer de insania: aquella voz era sombria como a do vento á noite nos cemiterios cantando a nenia das flôres murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher appareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu ninguem—saíu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía ás gottas pesadas: apenas eu sentia nas faces cahirem-me grossas lagrimas de agua, como sobre um tumulto prantos de orphãos.

Andámos longo tempo pelo labyrintho das ruas; enfim ella parou: estavamos n'um campo.

Aqui—ali—além eram cruces que se erguiam de entre o hervaçal. Ella ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno d'ella passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci; sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemiterio. Comtudo a creatura pallida não fôra uma illusãção—as urzes, as cicutas do campo santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquelle somno dormido á chuva, causáram-me uma febre. No meu delirio pas-

sava e repassava aquella brancura de mulher, gemiam aquelles soluços, e todo aquelle devaneio se perdia n'um canto suavissimo. . .

Um anno depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava; no somno da saciedade me vinha aquella visão. . .

Uma noite, e atroz uma orgia, eu deixára dormida no leito d'ella a condessa Barбора. Dei um ultimo olhar áquella fôrma núa e adormecida com a febre nas faces e a lascivia nos labios humidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor.—Saí.—Não sei se a noite era limpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vasia na mesa: nos labios d'aquella creatura eu bebêra até á ultima gota o vinho do leite. . .

Quando dei accôrdo de mim, estava n'um lugar escuro: as estrellas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro cirios batiam n'um caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquelle branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente d'ella, n'aquella têt livida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados. . . era uma defunta; e aquelles traços todos me lembraram uma idéa perdida. . .—Éra o anjo do cemiterio!—Cerrei as portas da egreja, que, ignoro porque, eu achára abertas.

Tomei o cadaver nos meus braços para fóra do caixão. Pesava como chumbo. . .

Sabeis a historia de Maria Stuart, degolada, e do algoz, «do cadaver sem cabeça e do homem

sem coração» como a conta Brantôme? Foi uma idéa singular a que eu tive.

Tomei-a no collo.—Preguei-lhe mil beijos nos labios. Ella era bella assim; rasguei-lhe o sudario, despi-lhe o véu e a capella, como o noivo os despe á noiva. Era mesmo uma estatua: tão branca era ella.—A luz dos tocheiros dava-lhe aquella pallidéz de ambar que lustra os marmores antigos. O goso foi fervoroso—cevei em perdição aquella vigilia. A madrugada passava já frouxa nas janellas. Aquelle calor de meu peito, á febre de meus labios, á convulsão de meu amor, a donzella pallida parecia reanimar-se. Subito abriu os olhos empanados.—Luz sombria allumiou-os como a de uma estrellá entre névoa—apertou-me em seus braços—um suspiro ondeou-lhe nos beiços azulados. . . Não era já a morte—era um desmaio. No aperto d'aquelle abraço havia comtudo alguma cousa de horrivel. O leito de lagea onde eu passára uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me d'aquelle aperto do peito l'ella. . . N'esse instante ella acordou. . .

Nunca ouvistes fallar da catalepsia? É um pesadelo horrivel aquelle que gyra ao acordado que emparedam n'um scpulchro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lagrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiara.

Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudario como uma creança. Ao

approximar-me da porta topei n'um corpo: abaixei-me; olhei: era algum coveiro do cimiterio da igreja que ahi dormira de ebrio esquecido de fechar a porta...

Saí.—Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

—Que levas ahi?

A noite era muito alta— talvez me crêsem um ladrão.

—É minha mulher que vae desmaiada...

—Uma mulher!.. Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadaveres?

Um guarda approximou-se. Tocou-lhe a fronte—era fria.

—É uma defunta...

Cheguei meus labios aos d'ella. Senti um beijo morno.

—Era a vida ainda.

—Vêde disse eu.

O guarda chegou-lhe os labios: os beiços asperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nú em minhas mãos frias...

—Bôa noite, moço: podes seguir, disse elle.

Caminhei.—Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo—e eu sentia que a moça ia despertar.

Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem-me, corri com mais esforço...

Quando eu passei a porta, ella acordou. O primeiro som que lhe saíu da bôcca foi um grito de medo...

Mal eu fechára a porta, bateram n'ella. Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia.

—Reclamáram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda.

A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausencia.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insanía, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dôr o ouvil-a.

Dois dias e duas noites levou ella de febre assim. . .

Não houve sanar-lhe aquelle delirio, nem o rir do phrenesi.—Morreu depois de duas noites e dois dias de delirio.

À noite saí; fui ter com um estatuario que trabalhava perfeitamente em cêra, e paguei-lhe uma estatua d'essa virgem.

Quando o escultor saíu, levantei os tijolos de marmore do meu quarto, e com as mãos cavei ali um tumulo.—Tomei-a então pela ultima vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do somno eterno com o lençol do seu leito. Fechei-a no seu tumulo e estendi meu leito sobre elle.

Um anno—noite a noite—dormi sobre as lages que a cobriam. . . Um dia o estatuario me trouxe a sua obra.—Paguei-lh'a e paguei o segredo. . .

Não te lembras, Bertram, de uma fôrma branca de mulher que entrevistes pelo véo do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

—E quem era essa mulher, Solfieri?

—Quem era? seu nome?

—Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho queima assaz os labios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia, e que sentia morrer a seus beijos, quando nem ha d'elle mister para escrever-lh'o na lousa?

Solfieri encheu uma taça.—Bebeu-a. Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

—Solfieri, não é um conto isso tudo?

—Pelo inferno que não! por meu pae que era conde e bandido, por minha mãe que era a bella Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu proprio calquei aquella mulher com meus pés na sua cova de terra—eu vol-o juro— guardei-lhe como amuleto a capella de defunta. Eil-a!

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flôres mirradas.

—Vêdes? murcha e secca como o craneo d'ella!

III

Bertram

But why should I for others groan
When none will sigh for me?

CHILDE HAROLD I.

Um outro conviva se levantou.

Era uma cabeça ruiva, uma têz branca, uma d'aquellas creaturas phlegmaticas que não hesitarão ao tropeçar n'um cadaver, para ter mão de um fim.

Esvasiou o cópo cheio de vinho, e com a barba nas mãos alvas, com os olhos de verde-mar fixos, fallou:

—Sabeis, uma mulher levou-me á perdição. Foi ella quem me queimou a fronte nas orgias, e desbotou-me os labios no ardor dos vinhos e na molleza de seus beijos: quem me fez devassar pallido as longas noite de insomnia nas mesas do jogo, e na doidice dos abraços convulsos com que ella me apertava ao seio! Foi ella, vós o sabeis, quem me fez n'um dia ter tres duellos com

os meus tres melhores amigos, abrir tres tumulos áquelles que mais me amavam na vida—e depois, depois sentir-me só e abandonado no mundo, como a infaticida que matou o seu filho, ou aquelle mouro infeliz junto á sua Desdemona pallida!

Pois bem, vou contar-vos uma historia que começa pela lembrança d'esta mulher...

Havia em Cadíz uma donzella—linda d'aquelle moreno das andaluzas que não ha vêl-as sob as franjas da mantilha assetinada, com as plantas mimosas, as mãos de alabastro, os olhos que brilham, e os labios de rosas de Alexandria—sem delirar sonhos d'ellas por longas noites ardentes!

Andalusas! sois muito bellas! se o vinho, se as noites de vossa terra, o luar de vossas noites, vossas flôres, vossos perfumes são doces, são puros, são embriagadores, vós ainda o sois mais! Oh! por esse civar a eito de gosos de uma existencia fogosa nunca pude esquecer-vos!

Senhores! ahi temos vinho de Hespanha, enchei os cópos—á saude das hespanholas!

.....

Amei muito essa moça, chamava-se Angela. Quando eu estava decidido a casar-me com ella; quando após das longas noites perdidas ao relento a espreitar-lhe da sombra um aceno, um adeus, uma flôr, quando após tanto desejo e tanta esperanza eu sorvi-lhe o primeiro beijo—tive de partir de Hespanha para Dinamarca onde me chamava meu pae.

Foi uma noite de soluços e lagrimas, de choros e de esperanças, de beijos e promessas, de

amor, de voluptuosidade no presente e de sonhos no futuro... Parti.

Dois annos depois foi que voltei. Quando entrei na casa de meu paç, elle estava moribundo: ajoelhou-se no seu leito e agradeceu a Deus ainda ver-me: pôz as mãos na minha cabeça, banhó-me a fronte de lagrimas—eram as ultimas—depois deixou-se cair, pôz as mãos no peito, e com os olhos em mim, murmurou—Deus!

A voz suffocou-se-lhe na garganta: todos choravam.

Eu tambem chorava—mas era de saudades de Angela...

Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro, colloquei-a no banco de Hamburgo, e parti para Hespanha.

Quando voltei, Angela estava casada, e tinha um filho...

Comtudo o meu amor não morreu! Nem o d'ella!

Muito ardentes foram aquellas horas de amor e de lagrimas, de saudades e beijos, de sonhos e maldições, para nos esquecermos um do outro.

.....

Uma noite, dois vultos alvejavam nas sombras de um jardim, as folhas tremiam ao ondear de um vestido, as brisas soluçavam aos soluços de dois amantes, e o perfume das violetas que elles pisavam, das rosas e madresilvas que abriam em torno d'elles, era ainda mais doce, perdido no perfume dos cabellos soltos de uma mulher...

Essa noite—foi uma loucura! foram poucas horas de sonhos de fogo! e quão breve passaram!

Depois d'essa noite seguiu-se outra, outra... e muitas noites as folhas susurravam ao roçar de um passo mysterioso, e o vento se embriagou de deleite nas nossas fronte palidas...

Mas um dia o marido soube tudo: quiz representar de Othello com ella. Doido!..

Era alta noite: eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. Quando passei, uma voz chamou-me. Entrei.—Angela com os pés nús, e vestido solto, o cabello desgrenhado e os olhos ardentes, tomou-me pela mão... Sentilhe a mão humida... Era escura a escada que subimos: passei a minha mão, molhada pela d'ella, por meus labios.—Tinha sabor a sangue.

—Sangue, Angela! De quem é esse sangue? A hespanhola sacudiu seus longos cabellos negros e rio-se.

Entrámos n'uma sala. Ella foi buscar uma luz, e deixou-me no escuro.

Procurei, tacteando, um lugar para assentar-me: toquei n'uma mesa. Mas ao passar-lhe a mão senti-a banhada de humidade: além senti uma cabeça fria como neve e molhada de um liquido espesso e meio coagulado.

Era sangue...

Quando Angela veio com a luz, eu vi... era horrivel.

O marido estava degollado.

Era uma estatua de gesso lavada em sangue...

Sobre o peito do assassinado estava uma criança de bruços.

Ella ergueu-a pelos cabellos... Estava morta

tãmbem: o sangue que corria das veias rotas de seu peito se misturava com o do pae!

—Vês, Bertram, esse era o meu presente: agora será, negro embora, um sonho do meu passado. Sou tua, e tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime... Vem, tudo está prompto, fuçamos. A nós o futuro!

.....
 Foi uma vida insana a minha com aquella mulher! Era um viajar sem fim. Angela vestira-se de homem: era um formoso mancebo. No demais ella era como todos os moços libertinos que nas mesas da orgia batiam com a taça na taça d'ella. —Bebia já como uma ingleza, fumava como uma sultana, montava a cavallo como um arabe, e atirava as armas como um hespanhol.

Quando o vapor dos licores me ardia a fronte, ella m'a repousava em seus joelhos, tomava um bandolim e me cantava as modas da sua terra...

Nossos dias eram lançados ao somno como perolas ao amor: nossas noites, sim eram bellas!

.....
 Um dia ella partiu: partiu, mas deixou-me os labios ainda queimados dos seus, e o coração cheio do germen de vicios que ella ahí lançara. Partiu; mas a sua lembrança ficou como o fantasma de um mau anjo perto de meu leito.

Quiz esquecer-a no jogo, nas bebidas, na paixão dos duellos. Tornei-me um ladrão nas cartas, um homem perdido por mulheres e orgias, um espadachim terrivel e sem coração.

.....

Uma noite eu caíra ebrio ás portas de um palacio: os cavallo de uma carruagem pisaram-me ao passar e partiram-me a cabeça de encontro á lagea. Aeudiram-me d'esse palacio. Depois amáram-me: a familia era um nobre velho viuvo e uma belleza peregrina de deoito annos.

Não era amor de certo o que eu sentia por ella—não sei o que foi—era uma fatalidade infernal. A pobre innocente amou-me, e eu recebido como o hospede de Deus sob o tecto do velho fidalgo, deshonrei-lhe a filha, roubei-a, fugi com ella... E o velho teve de chorar suas cans manchadas na deshonra de sua filha, sem poder vingar-se.

Depois enjoei-me d'essa mulher.—A saciedade é um tedio terrivel.—Uma noite que eu jogava eom Siegfried o pirata, depois de perder as ultimas joias d'ella, vendi-a.

A moça envenenou Siegfried logo na primeira noite, e afogou-se...

.....
Eis-ahi quem eu sou: se quizesse contar-vos longas historias do meu viver, vossas vigalias correriam breves de mais...

Um dia—era na Italia—saciado de vinho e mulhres, eu ia suicidar-me. A noite era escura e eu chegára só á praia. Subi um rochedo: d'ahi a minha ultima voz foi uma blasphemia, o meu ultimo adeus uma maldição... o meu ultimo... digo mal; porque senti-me erguido nas aguas pelos cabellos.

Então na vertigem do afôgo o anhello da vida acordou-se em mim. A principio tinha sido uma

cegueira, uma nuvem ante meus olhos, como aos d'aquelle que labuta nas trevas. A sêde da vida veio ardente: apertei aquelle que soccorria; fiz tanto, em uma palavra, que, sem querê-lo, matei-o. Cansado do esforço desmaiei. . .

Quando recobrei os sentidos estáva n'um escaler de marinheiros que remavam mar em fóra. Ahi soube eu que meu salvador tinha morrido afogado por minha culpa. Era uma sina, e negra; e por isso ri-me: ri-me enquanto os filhos do mar choravam.

Chegámos a uma corveta que estava erguendo a ancora.

O commandante era um bello homem. Pelas faces vermelhas cahiam-lhe os crespos e louros cabellos, onde a velhice alvejava algumas cans.

Elle perguntou-me:

—Quem és?

—Um desgraçado que não póde viver na terra, e não deixaram morrer no mar.

—Queres pois viver a bordo?

—Ao menos que não prefirais atirar-me ao mar.

—Não o faria: tens uma bella figura. Levarte-hei comigo.—Servirás. . .

—Servir!—e ri-me: depois respondi-lhe frio: deixai que me atire ao mar. . .

—Não queres servir? queres então viajar de braços cruzados?

—Não: quando fôr a hora da manobra dormirei; mas quando vier a hora do combate ninguem será mais valente do que eu. . .

—Muito bem: gosto de ti, disse o velho lobo do mar. Agora que estamos conhecidos diz-me teu nome e tua historia.

—Meu nome é Bertram. Minha historia? escutai: o passado é um tumulto perguntae ao sepulchro a historia do cadaver! elle guarda o segredo... dir-vos-ha apenas que tem no seio um corpo que se corrompe! lereis sobre a lousa um nome—e não mais!

O commandante franzió as sobrançellas, e passou adiante para commandar a manobra.

O commandante trazia a bordo uma bella moça.

Creatura pallida parecêra a um poeta o anjo da esperanza adormecendo esquecido entre as ondas. Os marinheiros a respeitavam: quando pelas noites de lua ella repousava o braço na amurada e a face na mão, aquelles que passavam junto d'ella se descobriam respeitosos. Nunca ninguém lhe vira olhares de orgulho; nem lhe ouvirá palavras de colera: era uma santa.

Era a mulher do commandante.

Entre aquelle homem brutal e valente, rei bravo no alto mar, esposado, como os Doges de Veneza ao Adriatico, á sua garrida corveta—entre aquelle homem pois e aquella madona havia um amor de homem como o palpita o peito que longas noites abrio-se ás luas do oceano solitario, que adormeceu pensando n'ella ao frio das vagas e ao calor dos tropicos, que suspirou nas horas de quarto, alta noite, na amurada do navio, lembrando-a nos nevoeiros da cerração, nas

nuvens da tarde... Pobres doidos! parece que esses homens amam muito! A bordo ouvi a muitos marinheiros seus amores singelos: eram moças louras da Bretanha e da Normandia, ou alguma hespanhola de cabellos negros vista ao passar—sentada na praia com sua cesta de flôres—ou adormecidas entre os laranjaes cheirosos—ou dançando o fandango lascivo nos bailes ao relento! Houve-as junto a mim muitas faces asperas e tostadas ao sol do mar que se banharam de lagrimas...

Voltemos á historia:—O commandante a estremeia como um louco—um pouco menos que a sua honra, um pouco mais que sua corveta.

E ella—ella no mcio de sua melancolia, de sua tristeza e sua pallidez—ella sorria ás vezes quando scismava sósinha; mas era um sorrir tão triste que doia. Coitada!

Um poeta a amaria de joelhos. Uma noite—decerto eu estava ebrio—fiz-lhe uns versos. Na languida poesia eu derramára uma essencia preciosa e limpida que ainda não se polluira no mundo...

Bofé que chorei quando fiz esses versos. Um dia, mezes depois, li-os, ri-me d'elles e de mim e atirei-os ao mar... Era a ultima folha da minha virgindade que lançava ao esquecimento...

Agora, enchei os cópos—o que vou dizer-vos é negro: é uma lembrança horrível, como os pesadelos no Oceano.

Com suas lagrimas, com seus sorrisos, com seus olhos humidos, e os seios entumecidos de

suspiros, aquella mulher me enlouquecia as noites. Era como uma vida nova que nascia cheia de desejos, quando eu cria que todos elles eram mortos como crianças afogadas em sangue ao nascer.

Amei-a: porque dizer-vos mais? Ella amou-me tambem. Uma vez a lua ia limpida e serena sobre as aguas—as nuvens eram brancas como um véo recamado de perolas da noite—o vento cantava nas cordas. Bebi-lhe na pureza d'esse luar ao fresco d'essa noite mil beijos nas faces molhadas de lagrimas, como se bebe orvalho de um lyrio cheio. Aquelle seio palpitante, o contorno assetinado apertei-os sobre mim.

O commandante dormia.

.....
 Uma vez ao madrugar o gageiro assignalou um navio. Meia hora depois desconfiou que era um pirata...

Chegavamos cada vez mais perto. Um tiro de polvora secca da corveta reclamou a bandeira. Não responderam. Deu-se segundo—nada.

Então um tiro de bala foi cair nas aguas do barco desconhecido como uma luva de duello.

O barco que até então tinha seguido rumo opposto ao nosso, e vinha prôa contra a nossa prôa virou de bordo e apresentou-nos seu flanco enfumado: um relampago correu nas baterias do pirata—um estrondo seguiu-se—e uma nuvem de balas veio morrer perto da corveta.

Ella não dormia, virou de bordo: os navios ficaram lado a lado.—Á descarga do navio de

guerra o pirata estremeceu como se quizesse ir a pique.

.....
 O pirata fugia : a corveta deu-lhe caça : as descargas trocaram-se então mais fortes de ambos os lados.

Emfim o pirata pareceu ceder. Atracaram-se os dois navios como para uma luta. A corveta vomitou sua gente a bordo do inimigo. O combate tornou-se sanguento.—Era um matadouro; o chão do navio escorregava de tanto sangue; o mar anciava cheio de espumas ao boiar de tantos cadáveres. N'esta ocasião viu-se uma fumaça que subia do porão. O pirata deitara fogo ao paiol...

Apenas a corveta por uma manobra atrevida pôde afastar-se do perigo. Mas a explosão fez-lhe grandes estragos. Alguns minutos depois o barco do pirata vôu pelos ares. Era uma scena pavorosa, vêr entre aquella fogueira de chammas, ao estrondo da polvora, ao reverberar deslumbrador do fogo nas aguas, os homens arrojados ao ar irem cair no oceano.

Uns a meio queimados se atiravam á agua, outros com os membros esfolados, e a pelle a despegar-se-lhe do corpo, nadavam ainda entre dôres horriveis e morriam torcendo-se em maldições.

A uma legua da scena do combate havia uma praia bravia, cortada de rochedos... Ahi se salvaram os piratas que puderam fugir.

E n'esse tempo, emquanto o commandante se batia como um bravo, eu o deshonrava como um cobarde.

Não sei como se passou todo o tempo que decorreu depois.

Foi uma visão de gôsos malditos—eram os amores de Satan e de Eloa, da morte e da vida—n'um leito do mar.

Quando acordei um dia d'esse sonho, o navio tinha encalhado n'um banco de areia; o ranger da quilha a morder na areia gelou a todos;—meu despertar foi a um grito de agonia. . .

—Olá, mulher, taverneira maldita, não vês que o vinho acabou-se?

Depois foi um quadro horrivel! Eramos nós n'uma jangada no meio do mar. Vós que lêstes o D. Juan, que fizestes talvez d'aquelle veneno a vossa Biblia, que dormistes as noites da saciedade, como eu, com a face sobre elle, e com os olhos ainda fitos n'elle vistes tanta vez amanhecer—sabeis quanto se cõa de horror aquelles homens atirados ao mar, n'um mar sem horizonte, ao balouço das aguas, que parecem suffocar seu escarneo na mudez fria de uma fatalidade.

Uma noite, a tempestade veio—apenas houve tempo de amarrar nossas munições. . . Fôra mister ver o Oceano bramindo no escuro como um bando de lcõcs com fome, para saber o que é a borrasca;—fôra mister vê-la de uma jangada á luz da tempestade, ás blasphemias dos que não crêm e maldizem, ás lagrimas dos que esperam e desesperam, aos soluços dos que tremem e tiritam de susto como aquelle que bate á porta do nada. . . E eu, eu ria: era como o genio do scepticismo n'aquelle deserto. Cada vaga que varria nossas

taboas descosidas arrastava um homem—mas cada vaga que me rugia aos pés parecia respeitarme. Era um Oceano como aquelle de fogo onde caíram os anjos perdidos de Milton, o cego; quando elles passavam cortando a nado, as aguas do pantano de lava se apertavam: a morte era para os filhos de Deus—não para o bastardo do mal!

Todo aquella noite passei-a com a mulher do commandante nos braços. Era um hymineo terrivel aquelle que se consummava entre um descrido e uma mulher pallida que enlouquecia; o thalamo era o Oceano, a espuma das vagas era a seda que nos alcatifava o leito. Em meio d'aquelle concerto de uivos que nos ia ao pé, os gemidos nos suffocavam; e nós rolavamos abraçados—atados a um cabo da jangada—por sobre taboas...

Quando a aurora veiu, restavamos cinco: eu, a mulher do commandante, elle e dois marinheiros...

Alguns dias comemos umas bolachas repassadas da salsugem da agua do mar. Depois tudo o que houve de mais horrivel se passou...

—Porque empallidéces, Solfieri? a vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? é a espuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia: alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulchro! O que é a existencia? Na mocidade é o kaleidoscopio das illusões: vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos; quando chegamos aos trinta annos, e o suor das agonias nos grisalhou os cabel-

los antes de tempo, e murcharam como nossas faces as nossas esperanças, oscillamos entre o passado visionario, e este amanhã do velho, gelado e ermo—depois como um cadaver que se banha antes de dar á sepultura! Miséria! loucura!

—Muito bem! miséria e loucura! interrompeu uma voz.

O homem que fallára era um velho. A fronte se lhe descalvára, e longas e fundas rugas a sulcavam—eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida. . . Sob espessas sobrançelas grisalhas lampejavam-lhe olhos pardos, e um espesso bigode lhe cobria parte dos labios. Trazia um gabão negro e rôto, e um manto desbotado, da mesma côr, lhe caía dos hombros.

—Quem és, velho? perguntou o narrador.

—Passava lá fóra: a chuva caía a cantaros; a tempestade era medonha: entrei. Boa noite, senhores! se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até ás bordas e beberci convosco.

—Quem és?

—Quem eu sou? na verdade fôra difficil dizer-o: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida.—Fui poeta, e como poeta cantei. Fui soldado, banhei minha fronte juvenil nos ultimos raios de sol da aguia de Warterloo. Apertei no fogo da batalha a mão do homem do seculo. Bebi n'uma taverna com Bocage o portuguez; ajoelhei-me na Italia sobre o tumulo de Dante; e fui á Grecia para sonhar como Byron n'aquelle tumulo das glorias do passado.—Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte annos, um liber-

tino aos trinta; sou um vagabundo sem patria e sem crenças aos quarenta. Sentei-me á sombra de todos os sóes, beijei labios de mulheres de todos os paizes: e de todo esse peregrinar só trouxe duas lembranças—um amor de mulher que morreu nos meus braços na primeira noite de embriaguez e de febre—e uma agonia de poeta... Della, tenho uma rosa murcha e a fita que prendia seus cabellos. Delle, olhai.

O velho tirou de um bolso um embrulho: era um lenço vermelho o involucro; desataram-no—dentro estava uma caveira.

—Uma caveira! gritaram em torno; és um profanador de sepulturas?

—Olha, moço, se entendes a sciencia de Gall e Spurzheim, diz-me pela protuberancia d'essa fronte, e pelas bossas d'essa cabeça quem podia ser esse homem?

—Talvez um poeta—talvez um louco.

—Muito bem! adivinhaste. Só erraste não dizendo que talvez ambas as cousas a um tempo. Seneca o disse—a poesia é insania. Talvez o genio seja uma hallucinação, e o enthusiasmo precise da embriaguez para escrever o hymno sanguinario e fervoroso de Rouget de l'Isle, ou para, na creação do painel medonho do Christo morto de Holbein, estudar a corrupção no cadaver. Na vida mysteriosa de Dante, nas orgias de Marlwe, no peregrinar de Byron, havia uma sombra da doença do Hamleto; quem sabe?

—Mas a que vem tudo isso?

—Não bradastes—miseria e loucura!—vós, al-

mas onde talvez borbulhava o sopro de Deus, cerebros que a luz divina do genio esclarecia, e que o vinho enchia de vapores, e a saciedade d'escarneos? Enchei as taças até á borda! enchei-as e bebei; bebei á lembrança do cérebro que ardeu n'esse craneo, da alma que ahi habitou, do poeta—louco—Werner! e eu bradarei ainda uma vez:—miseria e loucura!

O velho esvasiou o copo, embuçou-se e saiu. Bertram continuou a sua historia.

—Eu vos dizia que ia passar-se uma cousa horrivel; não haviam mais alimentos, e no homem despertava a voz do instincto, das entranhas que tinham fome, que podiam seu cêvo como o cão do matadouro, fosse embora sangue.

A fome! a sede! . . tudo quanto ha demais horrível! . .

Na verdade, senhores, o homem é uma creatura perfeita! Estatuario sublime, Deus esgotou no talhar d'esse marmore todo o seu esmero.

Prometheu divino encheu-lhe o craneo protuberante da luz do genio. Ergueu-o pela mão, mostrou-lhe o mundo do alto da montanha, como Satan quarenta seculos depois o fez a Christo, e disse-lhe: Vê, tudo isso é bello—valles e montes, aguas do mar que espumam, folhas das florestas que tremem e susurram como as azas dos meus anjos—tudo isso é teu. Fiz-te o mundo bello no vco purpureo do crepusculo, dourei-t'o aos raios de minha face.

Ei-lo, o rei da terra! banha a fronte olympica n'essas brisas, n'esse orvalho, na espuma dessas

cataractas. Sonha como a noite, canta como os anjos, dorme entre as flores! Olha! entre as folhas floridas do valle dormie uma creatura branca como o véo das minhas virgens, loura como o reflexo das minhas nuvens, harmoniosa como as aragens do céo nos arvoredos da terra.—É tua: acorda-a, e ella te amará; no seio della, nas ondas d'aquelle cabello, afoga-te como sol entre vapores. Rei no peito d'ella, rei na terra, vive de amor e crença, de poesia e de belleza, levanta-te, vae e serás feliz!

Tudo isso é bello, sim; mas é a ironia mais amarga a decepção mais árida de todas as ironias e de todas as decepções. Tudo isso se apaga adiante de dois factos muito prosaicos—a fome e a sêde!

O genio, a aguia altiva que se perde nas nuvens; que se aguenta no cffluvio da luz mais ardente do sol—caír assim com as azas torpes e verminosas no lodo das charnechas? Poeta, porque no meio do arroubo mais sublime do espirito, uma voz sarcastica e mephistophelica te brada—meu Faust—illusões! a realidade é a materia. Deus escreven! Áváyny—na fronte de sua creatura! D. Juan! porque choras a esse beijo morno de Haydéa que desmaia-te nos braços? a prostituta vender-t'os-ha amanhã mais queimadores! . . Miséria! . . E dizer que tudo o que ha de mais divino no homem, de mais santo e perfumado na alma se infunde no lôdo da realidade, se revolve no charco e acha ainda uma convulsão infame para dizer—sou feliz! . .

Isso tudo, senhores, para dizervos uma cousa muito simples... um factó velho e batido, uma practica do mar, uma lei do naufragio—a anthropophagia.

Dois dias depois de acabados os alimentos restavam tres pessoas: eu, o commandante e ella—eram tres figuras macilentas como o cadaver, cujos peitos nús arquejavam com a agonia, cujos olhares fundos e sombrios se injectavam de sangue com a loucura.

O uso do mar—não quero dizer a voz da natureza physica, o brado do egoismo do homem—manda a morte de um para a vida de todos. Tirámos á sorte—o commandante teve por lei morrer.

Então o instincto de vida se lhe despertou ainda. Por um dia mais de existencia, mais um dia de fome e sêde, de leito humido e varrido pelos ventos frios do norte, mais umas horas mortas de blasphemias e de agonias, de esperança e desespero, de orações e descrença, de febre e de ancia, o homem ajoelhou, chorou, gemeu a meus pés...

—Olhae, dizia o miseravel, esperemos até ámanhã...

Deus terá compaixão de nós... Por vossa mae, pelas entranhas de vossa mae! por Deus se elle existe! deixae, deixae-me ainda viver!

Oh! a esperança é pois como uma parasita que morde e despedaça o tronco, mas quando elle cae, quando morre e apodrece, ainda o aperta em seus convulsos braços! Esperar! quando o vento do

mar açouta as ondas, quando a espuma do Oceano vos lava o corpo livido e nú, quando o horizonte é deserto e sem termo, e as velas que branqueiam ao longe parecem fugir! Pobre louco!

Eu ri-me do velho.—Tinha as entranhas em fogo.

Morrer hoje, amanhã, ou depois—tudo me era indiferente, mas hoje eu tinha fome, e ri-me por que tinha fome.

O velho lembrou-me que me acolhera a seu bordo, por piedade—lembrou-me que me amava—e unia torrente de soluços e lagrimas afogava o bravo que nunca empallidecêra diante da morte.

Parece que a morte no Oceano é terrível para os outros homens; quando o sangue lhes salpica as faces, lhes ensopa as mãos, correm á morte como um rio ao mar, como a cascavel ao fogo. Mas assim—no deserto—nas aguas—elles tremem-na, tremem adiante d'essa caveira fria da morte!

Eu ri-me porque tinha fome.

Então o homem ergue-se. A furia se levantou n'elle com a ultima agonía. Cambaleava, e um suor frio lhe corria no peito descarnado. Apertou-me nos seus braços amarelentos, e lutámos ambos corpo a corpo, peito a peito, pé por pé—por um dia de miseria!

A lua amarellada erguia sua face desbotada, como uma meretriz cansada de uma noite de devassidão: o céu escuro parecia zombar d'esses dois moribundos que lutavam por uma hora de agonía...

O valente do combate desfallecia—caíu—puz-lhe o pé na garganta—suffoquei-o—e expirou...

Não cubrais o rosto com as mãos—faricis o mesmo...

Aquelle cadaver foi nosso alimento dois dias...

Depois, as aves do mar já baixavam para partilhar minha presa; e ás minhas noites fastientas uma sombra vinha reclamar sua ração de carne humana...

Lancei os restos ao mar...

Eu e a mulher do commandante passámos dois dias sem comer nem beber...

Então ella propôz-me morrer comigo.—Eu disse-lhe que sim. Esse dia foi a ultima agonia do amor que nos queimava—gastámo-lo em convulsões para sentir ainda o mel fresco da voluptuosidade banhar-nos os labios... Era o goso febril que podem ter duas creaturas em delirio de morte. Quando me soltei dos braços d'ella a fraqueza a fazia desvairar. O delirio tornava-se mais longo: debruçava-se nas ondas e bebia a agua salgada, e offerecia-m'a nas mãos pallidas dizendo que era vinho. As gargalhadas frias vinham mais de entuviada...

Estava louca.

Não dormi—não podia dormir; uma modorra ardente me fervia as palpebras: o halito de meu peito parecia fogo; meus labios seccos e estalados apenas se orvalhavam de sangue.

Tinha febre no cerebro—e meu estomago tinha fome.

Tinha fome como a fera.

Apertei-a nos meus braços, opprimi-lhe nos beijos a minha bocca em fogo : apertei-a convulsivo ; suffoquei-a. Ella era ainda tão bella !

Não sei que delirio estranho se apoderou de mim.

Uma vertigem me rodeava. O mar parecia rir de mim, e rodava em torno, espumante e esverdeado, como um sorvedouro. As nuvens pairavam correndo e pareciam filtrar sangue negro. O vento que me passava nos cabellos murmurava uma lembrança . . .

De repente senti-me só. Uma onda me arrebatára o cadaver. Eu a vi boiar pallida como suas roupas brancas, semi-núa, com os cabellos banhados de agua ; eu vi-a erguer-se na espuma das vagas, desaparecer, e boiar de novo ; depois não a destingui mais—era como a espuma das vagas, como um lençol lançado nas aguas.

Quantas horas, quantos dias passei n'aquella modorra, nem o sei . . . Quando acordei d'esse pesadelo de homem desperto, estava a bordo de um navio.

Era o brigue inglez Swallow, que me salvára . . .

Olá taverneira, bastarda de Satan ! não vês que tenho sêde, e as garrafas estão seccas, seccas como tuas faces e como nossas gargantas ?

IV

Gennaro

Meurs ou tue...

CORNEILLE.

—Gennaro, dormes, ou embebes-te no sabor do ultimo trago do vinho, da ultima fumaça do teu cachimbo?

—Não: quando contavas tua historia, lembrava-me uma folha da vida, folha secca e avermelhada como as do outono e que o vento varreu.

—Uma historia?

—Sim: é uma das minhas historias: sabes, Bertram, eu sou pintor, é uma lembrança triste essa que vou revelar, porque é a historia de um velho e de duas mulheres, bellas como duas visões de luz.

Godofredo Walsh era um d'esses velhos sublimes, em cujas cabeças as cans semelham o diadema prateado do genio. Velho já, casára em segundas nupcias com uma belleza de vinte an-

nos. Godofredo era pintor: diziam uns que este casamento fôra um amor artistico por aquella belleza romana, como que feita ao molde das bellezas antigas; outros criam-n'ô compaixão pela pobre moça que vivia de servir de modelo. O facto é que elle a queria como filha, como Laura, a filha unica de seu primeiro casamento — Laura, córada como uma rosa e loura como um anjo.

Eu era n'esse tempo moço: era aprendiz de pintura em casa de Godofredo. Eu era lindo então; que trinta annos lá vão, que ainda os cabellos e as faces me não haviam desbotado como n'esses longos quarenta e dois annos de vida! Eu era aquelle typo de mancebo ainda puro do resumbrar infantil, pensativo e melancolico como o Raphael se retratou no quadro da galeria Barberini. Eu tinha quasi a idade da mulher do mestre.—Nauza tinha vinte, e eu tinha dezoito annos.

Amei-a; mas o meu amor era puro como meus sonhos de dezoito annos. Nauza tambem me amava: era um sentir tão puro! era uma emoção solitaria e perfumosa como as primaveras cheias de flôres e de brisas que nos embalavam aos ceus da Italia.

Como eu o disse, o mestre tinha uma filha chamada Laura. Era uma moça pallida, de cabellos e olhos azulados; sua tez era branca, só ás vezes, quando o pejo a incendeia, duas rosas lhe avermelhavam a face e se lhe destacavam no fundo de marmore. Laura parecia querer-me co-

mo a um irmão. Seus risos, seus beijos de criança de quinze annos, eram só para mim. Á noite, quando eu ia deitar-me, ao passar pelo corredor escuro com a minha lampada, uma sombra me apagava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.

Muitas noites foi assim.

Uma manhã, eu dormia ainda, o mestre saíra e Nauza fôra á igreja, quando Laura entrou no meu quarto, fechou a porta e deitou-se a meu lado. Acordei nos braços d'ella.

O fogo de meus dezoito annos, a primavera virginal de uma belleza, ainda innocente, o seio semi-nú de uma donzella a bater sobre o meu: isso tudo ao despertar dos sonhos alvos da madrugada, me enlouqueceu. . .

Todas as manhãs, Laura vinha ao meu quarto. . .

Tres mezes passaram assim. Um dia entrou ella no meu quarto e disse-me:

—Gennaro, estou deshonrada para sempre. . . Ao principio eu quiz-me illudir: já não o posso, estou de esperanças. . .

Um raio que me caísse aos pés não me assustaria tanto.

—É preciso que cases comigo, que me peças a meu pae, ouves Gennaro?

Eu calei-me.

—Não me amas então?

Calei-me ainda.

—Oh! Gennaro! Gennaro!

E caiu no meu hombro desfeita em soluços.

Carreguei-a assim fria e fóra de si para seu quarto.

Nunca mais tornou a fallar-me em casamento.

Que havia de eu fazer? Contar tudo ao pae, e pedil-a em casamento? Fôra uma loucura; elle me mataria e a ella, ou pelo menos me expulsaria de sua casa... E Nauza? cada vez eu a amava mais. Era uma luta terrivel essa que se travava entre o dever e o amor e o dever e o remorso.

Laura não me fallara mais. Seu sorriso era frio; cada dia tornava-se mais pallida; mas a gravidez não crescia, antes mais nenhum signal se lhe notava...

O velho levava as noites passeando no escuro. Já não pintava. Vendo a filha que morria aos sons secretos de uma harmonia de morte, que empallidecia cada vez mais, o miserrimo arancava as cans.

Eu comtudo não esquecêra Nauza, nem ella se esquecia de mim. Meu amor era sempre o mesmo; eram sempre noites de esperanças e de sêde que me banhavam de lagrimas o travesseiro. Só ás vezes a sombra de um remorso me passava; mas a imagem d'ella dissipava todas essas nevoas...

Uma noite. . . foi horrivel... vieram chamar-me; Laura morria. Na febre murmurava meu nome e palavras que ninguem podia reter; tão apressadas e confusas lhe soavam. •Entrei no quarto d'ella. A doente conheceu-me. Ergueu-se

branca, com a face humida de um suor copioso; chamou-me. Sentei-me junto do leito d'ella. Apertou minha mão nas suas mãos frias e murmurou em meus ouvidos:

—Gennaro, eu te perdôo; eu te perdôo tudo... Eras um infame... Morrerei... Fui uma louca... Morrerei... por tua causa... teu filho... o meu... vou vel-o ainda... mas no ceu... meu filho que matei... antes de nascer...

Deu um grito; estendeu convulsivamente os braços como para repellir uma idéa, passou a mão pelos labios como para enxugar as ultimas gottas de uma bebida, estorceu-se no leito, livida, fria, banhada de suor gelado e arquejou... Era o ultimo suspiro.

Um anno todo se passou assim para mim. O velho parecia endoidecido. Todas as noites fechava-se no quarto onde morrera Laura. Levava ahi a noite toda em solidão. Dormia? ah que não! Longas horas eu o escutei no silencio arfar com ancia, outras vezes afogar-se em soluços. Depois tudo emmudecia; o silencio durava horas; o quarto era escuro; e depois as passadas pesadas do mestre ouviam-se pelo quarto, mas vacillantes como de um bebado que cambaleia.

Uma noite eu disse a Nauza que a amava, ajoelhei-me junto d'ella, beijei-lhe as mãos, reguei seu collo de lagrimas; ella voltou-me a face; eu cri que era desdem, ergui-me:

—Então, Nauza, tu me amas, disse eu.

Ella permanecia com o rosto voltado.

—Adeus pois; perdoai-me se vos offendi, meu amor é uma loucura, minha vida é uma desesperança; o que me resta? Adeus, irei longe, longe d'aqui... talvez então eu possa chorar sem remorso...

Tomei-lhe a mão e beijei-a.

Ella deixou sua mão nos meus labios.

Quando ergui a cabeça, vi-a debulhada em lagrimas.

—Nauza! Nauza! uma palavra, tu amas-me?

.....
Tudo o mais foi um sonho. A lua passava entre os vidros de uma janella aberta e batia n'ella; nunca eu a vira tão pura e divina!

.....
E as noites que o mestre passava soluçando vazio de sua filha, eu as passava no leito d'elle, nos braços de Nauza.

Uma noite houve um facto pasmoso.

O mestre veio ao leito de Nauza. Gemia e chorava aquella voz cavernosa e rouca; tomou-me pelo braço com força, acordou-me, e levou-me de rastos ao quarto de Laura...

Atirou-me ao chão, e fechou a porta. Uma lampada estava accesa no quarto, defronte de um painel. Ergueu o lençol que o cobria. Era Laura moribunda. E eu macilento como ella tremia como um condemnado. A moça com seus labios pallidos murmurava no meu ouvido...

Eu tremi de ver meu semblante tão livido na tela; e lembrei-me que n'aquelle dia, ao sair do quarto da morta, no espelho d'ella, que estava

ainda pendurado á janella, eu me horrorisára de vêr-me cadaverico. . .

Um tremor, um calafrio, se apoderou de mim. Ajoelhei e chorei lagrimas ardentes. Confessei tudo; parecia-me que era ella quem o mandava, que era Laura que se erguia d'entre os lençoes do seu leito, e me accendia o remorso e no remorso me rasgava o peito.

Por Deus! que foi uma agonia!

No outro dia o mestre conversou comigo friamente.

Lamentou a falta de sua filha; mas sem uma lagrima.

Mas sobre o passado da noite, nem palavra.

Todas as noites era a mesma tortura, todos os dias a mesma frieza.

O mestre era sonambulo. . .

E pois eu não me cri perdido. . .

Comtudo, lembrei-me que uma noite, quando eu saía do quarto de Laura com o mestre, no escuro, vira uma roupa branca passar-me por perto, roçaram-me uns cabellos soltos, e nas lages do corredor estalavam umas passadas timidas de pés nus. . .

Era Nauza que tudo vira e tudo ouvira, que acordára e sentira a minha falta no leito, que ouvira esses soluços e gemidos, e correrá para ver.

.....
Uma noite, depois da ceia, o mestre Walsh tomou sua capa e uma lanterna, e chamou-me para acompanhá-lo.

Tinha de sair fóra da cidade e não queria ir

só. Saimos juntos, a noite era escura e fria, o outomno desfolhára as arvores, e os primeiros sopros do inverno rugiam nas folhas seccas do chão. Caminhámos juntos muito tempo, e cada vez mais nos entranhávamos pelas montanhas e cada vez o caminho era mais solitario. O velho parou. Era na fralda de uma montanha. Á direita o rochedo abria-se n'um trilho; á esquerda as pedras soltas por nossos pés a cada passada se despregavam e rolavam pelo despenhadeiro, e instantes depois ouvia-se um som como de agua onde cai um peso. .

A noite era escurissima. Apenas a lanterna allumiava o caminho tortuoso que seguíamos. O velho lançou os olhos na escuridão do abysmo e riu-se.

—Espera-me ahi, disse elle, já venho. •

Godofredo tomou a lanterna e seguiu para o cume da montanha. Eu sentei-me no caminho á sua espera, vi aquella luz ora perder-se, ora reaparecer, entre os arvoredos nos zigzags do caminho. Por fim via parar. O velho bateu á porta de uma cabana, a porta abriu-se. Entrou. O que ahi se passou nem eu sei. Quando a porta se abriu de novo, uma mulher livida e desgrehnada appareceu com um facho na mão.

A porta fechou-se, e alguns minutos depois, o mestre estava comigo.

O velho assentou a lanterna n'um rochedo, depois a capa, e disse-me:

—Gennaro, quero contar-te uma historia. É um crime, quero que sejas juiz d'elle.

Um velho era casado com uma moça bella. De outras nupcias tinha uma filha bella tambem. Um aprendiz, um miseravel, que elle erguera da poeira, como o vento ás vezes ergue uma folha, mas que elle podia reduzir a ella quando quizesse...

Eu estremecia, os olhares do velho pareciam ferir-me.

—Nunca ouviste essa historia, meu bom Gennaro?

Nunca, disse eu a custo e tremendo.

- Pois bem; esse infame deshonrou o pobre velho, trahi-o como Judas a Christo.

—Mestre, perdão!

—Perdão! e perdoou o malvado ao pobre coração do velho?

—Piedade!

—E teve elle dó da virgem, da deshonrada, da infanticida?

—Ah! gritei.

—Que tens? conheces o criminoso?

A voz de escarneo d'elle me abafava.

—Vês pois, Gennaro, disse elle mudando de tom; se houvesse um castigo peor que a morte, eu t'o daria. Olha esse despenhadeiro! É medonho! se o visses de dia, teus olhos se escureciam, e ahi rolarias talvez de vertigem! É um tumulto seguro, e guardará o segredo, como um peito o punhal. Só os corvos irão lá ver-te, só os corvos e os vermes. E pois, se tens ainda no coração maldito um remorso, reza a tua ultima oração, mas seja breve, o algoz espera a victima, a hyena tem fome do cadaver...

Eu estava ali pendente junto á morte. Tinha só a escolher o suicidio ou ser assassinado. Matar o velho era impossivel. Uma luta entre mim e elle fôra insana. Elle era robusto, a sua estatura alta, os seus braços musculosos me quebrariam, como o vendaval rebenta um ramo secco. Demais, elle estava armado. Eu era uma criança debil, ao meu primeiro passo, elle me arrojaria da pedra em cujas bordas eu estava. . . só me restaria morrer com elle, arrastal-o na minha queda. Mas para que?

Eu curvei-me no abysmo: tudo era negro, o vento lá gemia em baixo, nos ramos desnuados, nas urzes, nos espinhaes resequidos, e a torrente lá chocalhava no fundo escumando nas pedras.

Eu tive medo.

Orações, ameaças tudo seria de balde.

O velho riu-se: infernal era aquelle rir dos seus labios estalados de febre. Só vi aquelle riso. . . Depois foi uma vertigem. . . o ar que suffocava, um peso que me arrastava, como aquelles pesadellos em que se cai de uma torre e se fica preso ainda pela mão, mas a mão cansa, fraqueia, sua, esfria. . . Era horrivel; ramo a ramo, folha por folha, os arbustos me estalavam nas mãos, as raizes seccas que saíam pelo despenhadeiro, estalavam sobre meu pezo e meu peito sangrava nos espinhaes. A queda era muito rapida. . . de repente não senti mais nada. . . Quando accordei estava junto a uma cabana de camponezes que me tinham apanhado junto da torrente, pre-

so nos ramos de uma azinheira gigantesca que assombrava o rio.

Era de um dia e uma noite de delirios que eu accordára. Logo que sarei, uma idéa me veio; ir ter com o mestre. Ao vêr-me salvo assim d'aquella morte horrivel, póde ser que se apiedasse de mim, que me perdoasse, e então eu seria seu escravo, seu cão, tudo o que houvesse de mais abjecto n'um homem que se humilha—tudo!—com tanto que elle me perdoasse. Viver com aquelle remorso me parecia impossivel. Parti, pois: no caminho topei um punhal. Ergui-o; era o do mestre. Veio-me então uma idéa de vingança e de soberba. Elle quizera matar-me, elle tinha rido á minha agonia, e eu havia de ir chorar-lhe ainda aos pes, para elle repellir-me ainda, cuspir-me nas faces, e amanhã procurar outra vingança mais segura. Eu humilhar-me quando elle me tinha abatido! Os cabellos se me arrepiaram na cabeça, e suor frio me rolava pelo rosto.

Quando cheguei á casa do mestre achei-a fechada.

Bati—não abriram. O jardim da casa dava para a rua; saltei o muro, tudo estava deserto, e as portas que davam para elle, estavam tambem fechadas. Uma d'ellas era fraca, com pouco esforço arrombei-a. Ao estrondo da porta que caiu, só o écho respondeu nas salas. Todas as janellas estavam fechadas, e comtudo era dia claro fóra. Tudo estava escuro, nem uma lamparina accesa. Caminhei tacteando até á sala do

pintor. Cheguei lá, abri as janellas, e a luz do dia derramou-se na sala deserta. Cheguei então ao quarto de Nauza, abri a porta, e um bafó pestilento corria d'ahi. O raio da luz bateu em uma meza. Junto estava uma fôrma de mulher, com a face na mesa, e os cabellos caídos; atirado n'uma poltrona um vulto coberto com um capote. Entre elles um copo onde se depositára um residuo polvilhento. Ao pé estava um frasco vazio. Depois eu o soube—a velha da cabana era uma mulher que vendia veneno. Era ella de certo que o vendera, porque o pó branco do copo parecia sel-o.

Ergui os cabellos da mulher, levantei-lhe a cabeça. . . Era Nauza, mas Nauza cadaver, já desbotada pela podridão. Não era aquella estatua alvissima de outr'ora, as faces macias e o collo de neve. . . era um corpo amarello. . .

Levantei uma ponta da capa do outro; o corpo caíu de bruços com a cabeça para baixo, ressoou no pavimento o estalo do craneo. . . Era o velho, morto tambem, roxo e apodrecido; eu o vi. Da bocca lhe escorria uma escuma esverdeada.

V

Claudius Hermann

. . . Extacy!

My guize asy ours doth temperately keep time
And makes a healthful music: It is not madness
That I have utter'd.

SHAKESPEARE, HAMLET.

—E tu, Hermann! Chegou a tua vez. Um por um evocámos ao cimiterio do passado um cada-ver. Um por um erguemos-lhe o sudario para mostrar-lhe uma nodoa de sangue. Falla que chegou tua vez.

—Claudius sonha algum soneto ao geito do Petrarca, alguma aureola de pureza, como a dos espiritos puros da Messiada! disse entre uma fumaça e uma gargalhada Johann, erguendo a cabeça da mesa.

—Pois bem! quereis uma historia? Eu pude-ra contal-as, como vós, loucuras de noites de orgia; mas para que? Fôra escarneo Faust ir lembrar a Mephistopheles as horas de perdição que lidou com elle. Sabeis essas minhas nuvens do passado, lêstel-o á farta o livro desbotado, e

minha existencia libertina. Se o não lembrasseis, a primeira mulher das ruas pudera contal-o.. N'essa torrente negra que se chama a vida, e que corre para o passado, emquanto nós caminhamos para o futuro, tambem desfolhei muitas erenças, e lancei despidas as minhas roupas mais perfumadas para trajar a tunica da saturnal! O passado é o que foi, é a flôr que morchou, o sol que se apagou, o eadaver que apodreeeu. Lagrimas a elle? fôra loucura! Que durma com suas lembranças negras! revivam, acordem apenas os myosotis abertos n'aquelle pantano! sobreague n'aquelle não—ser o effuvio de alguma lembrança pura!

—Bravo! Bravissimo! Claudius, estás completamente bebado! bofé que estás romantico!

—Silencio, Bertram! certo que esta não é uma lenda para inserever-se após das vossas; uma dessas cousas que se contém com os cotovelos na toalha vermelha, e os labios burrifados de vinho e saciados de beijos...

Mas que importa?

Vós todos, que amais o fogo, que vistes um dia correr n'aquelle abysmo uma onda de ouro, rodomoinhar-lhe no fundo, como um mar de esperanza que se embate na ressaca do acaso, sabeis melhor que vertigem nos tontea então; ideaes-l'a melhor a loucura que nos delira n'aquelles jogos de milhares de homens, ou de fortuna; aspirações, a vida mesma vão-se na rapidez de uma corrida, onde todo esse complexo de miserias e desejos, de erimes e virtudes que se

chama a existencia, se joga n'uma parelha de cavallos!

Apostei como homem a quem não doêra empobrecer. O luxo tambem sacia, e é essa uma saciedade terrivel! para ella nada basta; nem as dansas do Oriente, nem as lupercaes romanas, nem os incendios de uma cidade inteira lhe alimentariam a seiva de morte, essa vitalidade do veneno de que falla Byron. Meu lance no turf foi minha fortuna inteira. Eu era rico, muito rico então; em Londres ninguem ostentava mais dispendiosas devassidões; nenhum nabalo n'uma noite esperdiçava sommas como eu. O suor de tres gerações derramava-o eu no leito das perdidas, e no chão das minhas orgias...

No instante em que as corridas iam começar, em que todos sentiam-se febris de impaciencia, um murmurio correu pelas multidões, um sorriso, e depois eram as frentes que se expandiam, e depois uma mulher passou a cavallo.

Visseis-l'a como eu, no cavallo negro, com as roupas de velludo, as faces vivas, o olhar ardente entre o desdem dos ciliros, transluzindo a rainha em todo aquelle ademan soberbo; visseis-l'a bella na sua belleza plastica e harmonica, linda nas suas côres puras e assetinadas, nos cabellos negros e a tez branca da frente; o oval das faces coradas, o fogo de nacar dos labios finos, o esmero do collo resaltando nas roupas de amazona; visseis-l'a assim, e á fé, senhores, que não haviéis de rir de escarneo, como rides agora!

—Romantismo! deves estar muito ebrio, Claudius, para que nos teus labios seccos de Lovelace, e na tua insensibilidade de D. Juan venha a poesia ainda passar-te um beijo!

—Ride, sim! miserrimos! que não comprehendes o que por ventura vai de incendio por aquelles labios de Lovelace, e como arqueja o amor sob as roupas gottejantes de chuva de D. Juan o libertino! Insanos, que nunca sonhastes Lovelace sem sua mascara talvez chorando Clarisse Harlowe, pobre anjo, cujas azas brancas ella ia desbotar... maldizendo essa fatalidade que faz do amor uma infamia e um crime! Mil vezes insanos que nunca sonhastes o Hespanhol acordando no lupanar, passando a mão pela fronte e rugindo de remorso e saudade ao lembrar tantas visões alvas do passado!

—Bravo! bravo!

—Poesia! poesia! murmurou Bertram.

—Poesia! porque pronunciar-lh'o á virgem casta o nome santo como um mysterio, no lodo escuro da taverna? Porque lebral-a a estrella do amor á luz do lampeão da crapula? Poesia! sabeis o que é a poesia?

—Meio cento de palavras sonoras e vãs que um pugillo de homens pallidos entende, uma escada de sons e harmonias que áquellas almas loucas parecem idéas, e lhes despertam illusões como a lua as sombras... Isso no que se chama os poetas. Agora, no ideal, na mulher, o resaibo do ultimo romance, o delirio e a paixão da ultima heroína de novella, e o presente incerto e va-

e um gozo mystico, pelo qual a virgem se e de volupia, sem sabel-o porque. . .

Silencio, Bertram! teu cerebro queimaram-sinhos, como a lava de um vulcão as relas flôres da campina. Silencio! és como essas tas que nascem e mergulharam-se no maro; cobre-as uma crystallisação calcarea, en-n-se e mirram. A poesia, eu t'o direi tam-por minha vez, é o vôo das aves da manhãoanho morno das nuvens vermelhas da ma-ada, é o cervo que se rola no orvalho da tanha relvosa, que se esquece da morte de nhã, da agonia de hontem em seu leito de s!

-Basta, Claudius; que isso que ahi dizes nin-a o entende; são palavras, palavras e pala-vo, como o disse o Hamleto; e tudo isso é ina-e vazio como uma caveira secca, mentiro-omo os vapores infectos da terra que o sol repusculo iria de mil côres, e que se chama-as nuvens, ou essa fada zombadora e ne-ta que se chama a poesia!

-Á historia! á historia! Claudius; não vês essa discussão nos faz bocejar de tedio?

-Pois bem, contarei o resto da historia:

o fim d'esse dia, eu tinha dobrado minha for-. No dia seguinte, eu a vi: era no theatro. sei o que representaram, não sei o que ou-tem o que vi; sei só que lá estava uma mu-bella como tudo quanto passa mais puro á epção do estatuario. Essa mulher era a du-a Eleonora. . . No outro dia vi-a n'um bai-

le... Depois... Fôra longo dizer-vol-o: seis mezes! concebeis-l'o? seis mezes de agonia e desejo anhelante; seis mezes de amor com a sede da fera! seis mezes; como foram longos!

Um dia achei que era demais. Todo esse tempo havia passado em contemplação; em vel-a, amal-a e sonhal-a; apertei minhas mãos jurando que isso iria além, que era muito esperar em vão, e que se ella não viria como Gulnare aos pés de Corsario, a elle cabia ir ter com ella.

Uma noite, tudo dormia no palacio do duque. A duqueza, cansada do baile, adormecia n'um divan. A lampada de alabastro estremecia-lhe sua luz dourada na testa pallida. Parecia uma fada que dormia ao luar...

O reposteiro do quarto agitou-se: um homem ahi estava parado, absorto. Tinha a cabeça tão quente e febril e elle a repousava no portal. A franqueza era cobarde; e demais, esse homem comprára uma chave e uma hora á infamia venal de um criado. Esse homem jurára que essa noite gozaria aquella mulher; fosse embora veneno, elle beberia o mel d'aquella flôr, o licor de escarlata d'aquella taça. Quanto a esses prejuizos de honra e adulterio, não riais d'elles, não que elle ria disso. Amava, e queria; a sua vontade era como a folha de um punhal; ferir ou estalar.

Na mesa havia um copo e um frasco de vinho: encheu o copo, era vinho hespanhol...

Chegou-se a ella, ergueu-a com suas roupas de velludo desatadas, seus cabellos meio soltos ain-

da, entremeados de pedrarias e flôres, seus seios meio-nús onde os diamantes brilhavam como gottas de orvalho; ergueu-a nos braços, deu-lhe um beijo. Ao calor d'aquelle beijo, semi-núa, ella acordou; entre os vagos sonhos se lhe perdia uma illusão talvez; murmurou «amor!» e com olhos entreabertos, deixou cair a cabeça e adormeceu de novo.

O homem tirou do seio um frasquinho de esmeralda. Levou-o aos labios entreabertos d'ella, verteu-lhe algumas gottas que ella absorveu sem sentil-as. Deitou-a e esperou. D'ahi a instantes o sòmno d'ella era profundissimo. . .

A bebida era um narcotico onde se misturaram algumas gottas d'aquelles licôres excitantes que acordam a febre nas faces e o desejo voluptuoso no seio.

O homem estava de joelhos; o seu peito tremia; estava pallido como após de uma longa noite sensual. Tudo parecia vacillar-lhe em torno. . . ella estava nua; nem velludo nem véo leve a encobria. O homem ergueu-se, e affastou o cortinado.

A lampada brilhou com mais força, e apagou-se. . . O homem era Claudius Hermann. . .

Quando me levantei, embucei-me na capa e saí pelas ruas. Queria ir ter a meu palacio, mas estava tonto como um ebrio. Titubiava e o chão era lubrico como para quem desmaia.

Uma idéa comtudo me perseguia. Depois d'aquella mulher nada houvera mais para mim.

Quem uma vez bebeu o succo das uvas purpurinas do paraizo, nunca mais deve inebriar-se do nectar da terra. . . Quando o mel se esgotasse, o que restava a não ser o suicidio?

Uma semana se passou assim; todas as noites eu bebia nos labios á dormida um sculo de gozo. Um mez! o mez em que delirantes iam os bailes do entrudo, em que mais cheia de febre ella adormecia quente, com as faces em fogo!

Uma noite; era depois d'um baile; eu esprei-a na alcova, escondido atraz do seu leito. No copo cheio d'agua que estava jnto á sua cabeccira, derramara as ultimas gottas de philtro, quando entrou ella com o duque.

Era elle um bello moço! Antes de deixal-a, passou-lhe as duas mãos pelas fontes e deu-lhe um beijo. Embevecido d'aquelle beijo, o anjo pendeu a cabeça no hombro d'elle, e enlaçou-o com seus braços nús, reluzentes das pulseiras de pedraria.

O duque teve sêde, pegou no copo da duqueza e bebeu algumas gottas; ella tomou-lhe o copo e bebeu o resto. Eu os vi assim: aquelle esposo ainda tão moço, aquella mulher, ah! e tão bella! . . . de tez ainda virgem, e apertei o punhal. . .

—Virás hoje, Maffio? disse ella.

—Sim minha alma.

Um beijo sussurou, e afagou as duas almas. E eu na sombra sorri, porque sabia que elle não havia de vir.

.....

Elle saíu. Ella começou a despir-se. Eu lh'as vi uma por uma cairem as roupas brillantes, as flôres e as joias, desatarem-se-lhe as tranças luzidias e negras, e depois apparecia no vcu branco do roupão transparente como as estatuas de nymphas a meio-núas, com as formas desenhadas pela tunica repassada da agua do banho.

O que vi, foi o que sonhara e muito, o que vós todos, pobres insanos, idealizastes um dia como a visão dos amores sobre o corpo da vendida. Erão os seios niveos e vciados de azul, tremulos de desejo, a cabeça perdida cntre a chuva de cabellos negros, os labios arquejantes, o corpo todo palpitante. Era a languidez do desalinho, quando o corpo da belleza mais se cnche de belleza, e como una rosa que abre molhada de screno, mais se expande, mais patentea suas côres.

O narcotico era fortissimo; uma soffreguidão feffril lhe abria os beiços, extenuada e languida, caída no leito, com as palpebras pallidas, os braços soltos e sem força, parecia beijar uma sombra.....

Ergui-a do leito; carreguci-a com suas roupas diaphanas, suas fórmãs sctiñosas, os cabellos soltos humidos ainda de perfume, seus scios ainda quentes...

Corri com clla pclos corredores descrtos; passei pelo pateo; a ultima porta estava cerrada: abri-a.

Na rua estava um carro de viagem, os caval-

los nitriam e escumavam de impaciencia. Entrei com ella dentro do carro e partimos.

Era tempo. Uma hora depois amanhecia.

Breve estivemos ióra cidade.

A madrugada ahi vinha com seus vapores, seus rozaes borrifados de orvalho, suas nuvens avelludadas e as aguas salpicadas de ouro e vermelhidão. A natureza córava ao primeiro beijo do sol, como branca donzella ao primeiro beijo do noivo; não como amante afanada de noite voluptuosa como a pintou o paganismo; antes como virgem acordada do somno infantil, meio ajoelhada ante Deus, que ora e murmura suas orações balsamicas ao céo que se azula, á terra que scintilla, ás aguas, que se douram. Essa madrugada baixava á terra como o bafo de Deus; e entre aquella luz e aquelle ar fresco a duqueza dormia, pallida como os somnos d'aquellas creaturas mysticas das illuminuras da idade media; bella como a Venus dormida do Ticiano, e voluptuosa como uma das amasias de Veroneso.

Bejei-a. Eu senti a vida que se me evaporava nos seus labios. Ella sobresaltou-se, entre-abriu os olhos; mas o peso do somno ainda a acabrunhava, e as palpebras descoradas se fecharam...

A carruagem corria sempre.

.....
 O sol estava a prumo no céo; era meio dia; o calor abafava; pela frente, pelas faces, pelo collo da duqueza rolavam gottas de suor como aljofares de um collar roto... Parámos n'uma

estalagem; lancei-lhe sobre a face um véo, tomei-a nos meus braços, e levei-a a um aposento.

Ella devia ser muito bella assim! os criados paravam nos corredores; era assombro de tanta belleza, mais ainda que curiosidade indiscreta.

A dona da casa chegou-se a mim.

—Senhor, vossa esposa ou irmã, quem quer que ella seja, de certo precisará de uma criada que a sirva. . .

—Deixai-me; ella dorme.

Foi essa a minha unica resposta.

Deitei-a no leito, corri os cortinados, cerrei as janellas para que a luz lhe não turbasse o somno. Não havia ali ninguem que nos visse; estavam sós, o homem e seu anjo, e a creatura da terra ajoelhou-se ao pé do leito da creatura do céo.

Não sei quanto tempo correu assim; não sei se dormia, mas sei que sonhava muito amor e muita esperança; não sei se velava, mas eu a via sempre ali, eu lhe contemplava cada movimento gracioso de dormir, eu estremecia a cada alento que lhe tremia os seios, e tudo me parecia um sonho; um d'esses sonhos a que a alma se abandona como um cysne, que modorra, ao tom das aguas. . . não sei quanto tempo correu assim; só sei que o meu deliquio quebrou-se. A duqueza estava sentada sobre o leito, com os braços nús, affastava as ondas do cabello solto que lhe cobria o rosto e o collo.

—É um sonho? murmurou. Onde estou? quem é esse homem encantado em meu leito.

O homem não respondeu.

Ella desceu da cama; seu primeiro impulso foi o pudor; quiz encobrir com as mãosinhas os seios palpitantes de susto. Sentio-se quasi núa, exposta ás vistas de um estranho, e tremia como contão os poetas que tremia Diana ao vêr-se exposta no banho, núa, ás vistas de Acteon.

—Senhor, digei-me por compaixão, se tudo isso não é uma illusão... se não fôra uma infamia! Nem quero pensal-o. Maffio não deve tardar, não é assim? o meu Maffio!.. Tudo isso é uma comedia... Mas que alcova é esta? Eu adormeci no palacio... como despertei n'uma sala desconhecida? digei, tudo isso é um brinquito de Maffio? quer rir-se de mim. Mas, vêde, vêde, eu tremo, tenho medo.

O homem não respondia: tinha os olhos a fito n'aquella fórma divina; seria a estatua da paixão na palidez, no olhar immovel, nos labios sedentos, se o arfar do peito lhe não denunciasse a vida.

Ella ajoelhou-se; nem sei o que ella dizia. Não sei que palavras se evaporavam d'aquelles labios; eram perfumes, porque as rosas do céu só tem perfumes; eram harmonias, porque as harpas do céu só tem harmonias; e o labio da mulher bella é uma rosa divina, e seu coração é uma harpa do céu. Eu a escutava, mas não a entendia; sentia só que aquellas fallas eram muito doces, que aquella voz tinha um talisman irresistivel para minh'alma, porque só nos meus sonhos de infante que se illude de amores, uma

voz assim me passára. Os gemidos de duas virgens abraçadas no céo, douradas da luz da face de Deus, empallidecidas pelos beijos mais puros, pelo tremuloso dos braços mais palpíntes, não seriam tão suaves assim!

A moça chorava, soluçava; por fim ella ergueu-se. Eu a vi correr á janella, ia abril-a... Eu corri a ella e tomei-a pelas mãos...

—Pois bem, disse ella, eu gritarei... se não fôr um deserto, se alguém passar por aqui... talvez me acudam... socor...

Eu tapci-lhe a bocca com as mãos...

—Silencio, senhora!

Ella lutava para livrar-se de minhas mãos; por fim sentiu-se enfraquecida.

Eu soltei-a com pena d'ella.

—Então disse-me onde estou, disse-me, ou eu chamarei por socorro...

—Não gritareis, senhora!

—Por compaixão, então esclarecei-me n'esta duvida; porque tudo isso que eu vejo? Tudo o que penso, o que advinho, é muito horrivel!

—Escutai pois, disse-lhe eu. Havia uma mulher... era um anjo. Havia um homem que a amava, como as aguas amam a lua que as prateia, como as aguias da montanha o sol que as fita, que as enche de luz e de amor. Nem sei quem ella era; ergueu-se um dia de uma vida de febre, esqueceu-a; e esqueceu o passado, adiante de uns olhos transparentes de mulher, as manchas de sua historia, n'uma aurora de gozos, onde se lhe desenhava a sombra d'esse anjo...

Escutai. Não o amaldiçoeis! Esse homem tinha muita infamia no passado; profanára a sua mocidade; prostituira-a como a borboleta de ouro a sua geração, lançando-a no lodo; frio, sem crenças, nem esperanças; abafára uma por uma suas illusões, como a infanticida seus filhos... Deus o tinha amaldiçoado talvez! ou elle mesmo se amaldiçoara... Esquecêra que era homem, e tinha no seu peito harmonias santas como as do poeta... elle as esquccera, e ellas dormiam-lhe no mysterio como os suspiros nas cordas de uma guitarra abandonada. Esquccera que a natureza era bella e muito bella, que o leito das flores da noite era rescedente, que a lua era a lampada dos amores, as aragens do valle—os perfumes do poeta no seu noivado com os anjos, e que a aurora tinha effluvios frescos, e com suas nuvens virginaes, suas folhas molhadas de orvalho, suas aguas nevoentas tinha encantos que só as almas puras entendem! tudo isso engeitou, esqueceu... para só o lembrar a furto e com carneio nas horas suarentas da devassidão... Elle era muito infame!

—Mais tudo isso não me diz quem sois vós... nem porque estou aqui...

—Escutai:—O libertino amou pois o anjo, voltou o rosto ao passado, despiu-se d'elle como de um manto impuro. Retemperou-se no fogo do sentimento, apurou-se na virgindade d'aquella visão, porque ella era bella como uma virgem, e reflectia essa luz virgem do espirito, n'esse brilho d'alma divina que alumia as fôrmas—que

não é da terra, mas do éo. Ainda o tempo não eivára o eoração do insano de uma lepra sem eura; nem sello inextinguível lhe gravára na fronte—*impureza!* Deixou-se do viver que levára, desconheceu seus companheiros, suas amantes venaes, suas insomnias eheias de febre; quiz apagar todo o gosto da existencia, como o homem que perdeu uma fortuna inteira no jogo quer esquecer a realidade.

E o homem pôde esquecer tudo isto.

Mas elle não era ainda feliz. As noites passava-as em redor do palacio d'ella; via-a ás vezes bella e deseorada ao luar, no terraço deserto, ou distinguia suas fórmas na sombra que passava pelas cortinas da janella aberta do seu quarto illuminado. Nos bailes seguia eom olhares de inveja aquelle corpo que palpitava nas danças. No theatro, entre o arfar das ondas da harmonia, quando o extase boiava n'aquelle ambiente balsamico e luminoso, elle nada via senão ella—e só ella! e as horas de somno não, que mal as dormia—ás vezes eram longas de impaeieência e insomnia, outras vezes eram curtas de sonhos ardentes! o pobre insano teve um dia uma idéa; era negra, sim, mas era a da ventura.

O que fez, não sei, nem ó sabereis nunca.

E depois bastante ebrio para vos sonhar, bastante louco para nos sonhos de fogo de seu delirio imaginar gozar-vos, foi profano assaz para roubar a um templo o eiborio d'ouro, mas puro. Esse homem, tende compaixão d'elle, que elle vos amará de joelhos... Olr! anjo, Eleonóra...

—Meu Deus! meu Deus! porque tanta infamia, tanto lodo sobre mim? Oh! minha Madona! porque maldissestes minha vida, porque deixastes cair na minha cabeça uma nodoa tão negra?

As lágrimas e os soluços, abafaram-lhe a voz.

—Perdoai-me, senhora, aqui me tendes a vossos pés! tende pena de mim, que eu soffri muito, que amei-vos, que vos amo muito! Compaixão! que serei vosso escravo, beijarei vossas plantas, ajoelhar-me-hei á noite á vossa porta, ouvirei vosso resomnar, vossas orações, vossos sonhos, e isso me bastará; serei vosso cão, deitar-me-hei a vossos pés, quando estiverdes acordada, velarei com meu punhal quando a noite cair; e se algum dia, se algum dia vós me perderdes amar; então! então!

—Oh! deixai-me! deixai-me!...

—Eleonora! Eleonora! perder noites e noites n'uma esperança! alental-a no peito como uma flôr que murcha de frio; alental-a, revivel-a cada dia, para vel-a desfolhada sobre meu rosto! absorver-me em amôr e só ter irrisão e escarneo? Dizei antes ao pintor que rasgue sua Madona, ao esculptor que despedace e rasgue a sua estatua de mulher.

—Louca! pobre louca que sois! crêdes que um homem havia de encarnar um pensamento em sua alma, viver d'esse cancro, embeber-se da vitalidade da dôr, para depois rasgal-o do seio? Crêdes que elle consentiria que se lhe pisasse no coração, que lhe arrancassem, a elle poeta e

amante, da corôa de illusões as flores uma por uma? que pela noite da desgraça, o seu amôr insano de mãe lhe suffocassem sobre o seio a creatura de seu sangue, o filho de sua vida, a esperança de suas esperanças?

—Oh! e não teries vós tambem dó de mim? não sabeisl-o? isto é infame! sou uma pobre mulher. De joelhos eu vos peço perdão se vos offendi... Eu vol-o peço, deixai-me! que me importam vossos sonhos, vosso amor? Doía-me profundamente aquella dôr; aquellas lagrimas me queimavam. Mas minha vontade fez-se rija e ferra como fatalidade.

—Que te importam meus sonhos? que te importam meus amores? Sim, tens razão! que importa á agua do deserto, á gazella do areal que o arabe tenha sêde ou que o leão tenha fome? Mas a sêde e a fome são fataes. O amôr é como elles. Entendes-me agora?

—Matai-me então! não tereis um punhal! uma punhalada pelo amor de Deus! eu, juro, eu vos abençoarei...

—Morrer! e pensas no morrer! Insensata! descer do leito morno do amôr á pedra fria dos mortos! Nem sabes o que dizes. Sabes o que é essa palavra morrer? É' a duvida que afana a existencia; é a duvida, o presentimento que resfria a fronte do suicida, que lhe passa nos cabellos como um vento de inverno, e nos impallidece a cabeça como Hamletø! Morrer! é a cessação de todos os sonhos, de todas as palpitações do peito, de todas as esperanças! É' estar

peito a peito com nossos antigos amores e não sentil-os! Doida! é um noivado medonho o do verme, um lençol bem negro, o da mortalha! Não falles n'isso; porque é lembrar o coveiro junto ao leito da vida? Põe a mão no teu coração; bate e bate com força, como o feto nas entranhas de sua mãe.

Ha ahi dentro muita vida ainda, muito amor por amar, muito fogo por viver. Oh! se tu quizeses amar-me!

Ella escondeu a cabeça nas mãos e disse soluçando:

—É impossivel; eu não posso amar-vos!

Eu disse-lhe:

—Eleonora, ouve-me: deixo-te só; velarei contudo sobre ti d'aquella porta. Resolve-te. Seja uma decisão firme, sim, mas pensada. Lembra-te que hoje não poderás voltar ao mundo; o duque Maffio seria o primeiro que fugiria de ti; a torpeza do adulterio sentil-a-hia elle nas tuas faces, creia roçar na tua face a humidade de um beijo estranho. E elle te amaldiçoaria! Vê: além a maldição e o escarneo, a irrisão das outras mulheres, a zombaria vingativa d'aquelles que te amaram e que não amaste. Quando entrares, dir-se-ha: eil-a! arrependeu-se! o marido, pobre d'elle, perdoou-a... As mães te esconderão suas filhas, as esposas honestas terão pejo de tocar-te... E aqui, Eleonora, aqui te-reis meu peito e meu amor, uma vida só para ti, um homem que só pensará em ti e sonhará sempre contigo, um homem cujo mundo serás tu,

serão teus risos, teus olhares, teus amores, que se esquecerá de *hontem* e de *amanhã*, para fazer como um Deus de ti a sua eternidade.

Pensa, Eleonora! se quizeses, partiríamos hoje; uma vida de venturas nos espera. Sou muito rico, bastante para adornar-te como uma rainha. Correremos a Europa, iremos ver a França com seu luxo, a Hespanha, onde o elima convida ao amor, onde as tardes se embalsamam nos laranjaes em flôr, onde as campinas se avelludam e se matizam de mil flôres; iremos á Italia, á tua patria, e no teu eó azul, nas tuas noites limpidas, nos teus crepusculos suavissimos viver de novo ao sol meridional! . . . Se quizeres . . . senão seria horrivel . . . não sei o que aconteceria; mas quem entrasse n'esse quarto levaria os pés ensopados em sangue . . .

Sai: duas horas depois voltei.

—Pensastes, Eleonora?

Ella não respondeu. Estava deitada com o rosto entre as mãos. Á minha voz ergueu-se. Havia um papel molhado de suas lagrimas sobre o leito. Estendi a mão para tomal-o—ella entregou-m'o.

Eram uns versos meus.—Olhei para a meza, a minha carteira de viagem, que eu trouxera do carro, estava aberta: os papeis estavam revoltos. Os versos eram estes.

Claudius tirou do bolso um papel amarellado e amarrotado; atirou-o na meza. Johann leu:

Não me odeies, mulher, se no passado
Nodoa sombria desbotou-me a vida,

No vicio ardente requeimando os labios,
E de tudo descri com fronte erguida.

A mascara de Dom Juan queimou-me o rosto
Na fria pallidez do libertino:
Desbotou-me esse olhar—e os labios frios
Ousam de mal dizer do meu destino.

Sim! longas noites no fervôr do jogo
Esperdicei febril e macilento:
E votei o porvir ao Deus do acaso
E o amor profanei no esquecimento.

Murchei no escarneo as c'rôas do poeta,
Na ironia da gloria e dos amores:
Aos vapores do vinho, á noite insano,
Debrucei-me do jogo nos fervores!

A flôr da mocidade profanei-a
Entre as aguas lodosos do passado...
No craneo a febre, a pallidez nas faces,
Só cria no sepulchro socegado!

E azas limpidas do anjo em collo impuro
Mareei nos bafos da mulher vendida:
Inda nos labios me rouxêa o sello
 Dos osculos da perdida.

E a myrrha das canções nem mais vapora
Em profanada taça eivada e negra:

Mar de lodo passou-me ao rio d'alma,
 As niveas flores me estalou das bordas.
 Sonho de glorias só me passa a furto,
 Qual flôr aberta a medo em chão de tumbas
 —Abatida e sem cheiro...

O meu amor... o peito o silencia:
 Guardo-o bem fundo—em sobras de sacrário
 Onde hervaçal não se abastou nos ermos.
 Meu amor... foi visão de roupas brancas
 Da orgia á porta, fria e soluçando:
 Lampada sancta erguida em leito infame:
 Vaso templario da taverna á mesa:
 Estrella d'alva reflectindo pallida
 No tremedal do crime.

Come o leproso das cidades velhas
 Sei me fugiras com horror aos beijos:
 As creanças desflorei em negra insania:
 —Vestal, prostituii as fórnas virgens
 —Lancei eu proprio ao mar da c'rôa as folhas
 —Troquei a rosea tunica da infancia
 Pelo manto das orgias.

Oh! não me ames sequer! Pois bem! um dia
 Talvez diga o Senhor ao podre lasaro:
 Ergue-te ahi do lupanar da morte,
 Revive ao fresco do viver mais puro!
 E viverei de novo: a mariposa
 Sacode as azas, estremece-as, brilha,
 Despindo a negra tez, a bava immunda
 Da larva desbotada.

Então, mulher, acordarei: do lodo
 Onde Satan se pernitoiu eomigo,
 Onde inda morno perfumou seu molde
 Setinoza nuêz de fórmas niveas.
 E a loura meretriz nos seios braneos
 Deitou-me a fronte livida, na insomnia
 Quedou-me a febre da volupia á sêde
 Sobre os beijos vendidos.

E então acordarei ao sol mais puro,
 Cheirosa a fronte ás auras da esperança!
 Lavarei-me da fé nas aguas d'ouro
 De Magdalena em lagrimas—e ao anjo
 Talvez que Deus me dê, eurvado e mudo
 Nos effluvios do amor libar um beijo,
 Morrer nos labios d'elle!

Ella ealou-se: chorava e gemia.

Acerquei-me d'ella: ajoelhei-me e mo ante Deus.

—Eleonora, sim ou não?

Ella voltou o rosto para o outro lado, quiz falar—interrompia-se a cada syllaba.

—Esperae, deixae que ore um pouco: a Madona talvez me perdôe.

Esperava eu sempre.—Ella ajoelhou-se.

—Agora... disse ella erguendo-se e estendendo-me a sua mão.

—Então?

—Irei eomtigo.

E desmaiou.

.....
 Aqui parou a historia de Claudius Hermann.

Elle abaixou a cabeça na mesa: não fallou mais.

—Dormes, Claudius? por Deus! ou está bebado ou morto!

Era Archibald que o interpellava: sacudia-o a toda força.

Claudius levantou um pouco a cabeça: estava macilento: tinha os olhos fundos n'uma sombra negra.

—Deixai-me; amaldiçoados! deixai-me pelo céu ou pelo inferno! não vêdes que tenho somno—somno e muito somno?

—E a historia, a historia? bradou Solfieri.

—E a duqueza Eleonora? perguntou Archibald.

—É verdade. . . a historia. Parecc-me que olvidei tudo isso. Parece que foi um sonho!

—E a duqueza?

—A duqueza? Parece-me que ouvi esse nome alguma vez. . . com os diabos, que me importa?

Ahi quiz proseguir; mas uma força invencivel o prendia.

—A duqueza. . . É verdade! Mas como esqueci tudo isso que não me lembro!. Tirai-me da cabeça esse peso. . . bofé que encheram-me o cranco de chumbo derretido!. . . E elle batia na cabeça macilenta como um medico, no peito do agonizante para encontrar um echo de vida.

—Então?

—Ah! ah! ah! gargalhou alguém que tinha ficado estranho á conversa.

—Arnold! cala-te!

—Cala-te antes Solfieri! eu contarei o fim da historia.

Era Arnald, o louro, que acordava.

Escutae vós todos, disse.

—Um dia Claudius entrou em casa. Encontrou o leito ensopado de sangue: e n'um recanto escuro da alcova um doido abraçado com um cadaver. O cadaver era o de Eleonora: o doido nem o podereis conhecer, tanto a agonia o desfigurára! Era uma cabeça hirta e desgrenhada, uma tez esverdeada, uns olhos fundos e baços onde o lume da insania scintillava a furto, como a emanação luminosa dos paúes entre as trevas...

Mas elle o conheceu... era o duque Maffio...

Claudius soltou uma gargalhada.—Era sombria como a insania—fria como a espada do anjo das trevas. Caiu ao chão: livido e suarento como a agonia: inteiriçado como a morte...

Estava ebrio como o defunto patriarcha Noé, o primeiro amante da vinha, virgem desconhecida até então, e hoje prostituta de todas as bocas... ebrio como Noé o primeiro borracho de que resa a historia! Dormia pesado e fundo como o apostolo S. Pedro no Horto das Oliveiras... o caso é que ambos tinham ceado á noite...

Arnold estendeu a capa no chão, e deitou-se sobre ella.

D'ahi a alguns instantes os seus roncões de barytono se mesclavam ao magno concerto dos roncões dos dormidos...

VI

Johann

Pour quoi? c'est que mon cœur au milieu des delices
D'un souvenir jaloux constamment oppressé,
Froid au bonheur présent, va chercher ses supplices
Dans l'avenir et le passé.

ALEX. DUMAS.

— Agora a minha vez! Quero lançar também uma moeda em vossa urna: é o cobre azinhabrado do mendigo: pobre esmola por certo!

Era em Paris, n'um bilhar. Não sei se o fogo do jogo me arrebatára, ou se o kirsch e o couraçol me queimaram demais as idéas... Jogára contra mim um moço: chamava-se Arthur.

Era uma figura loura e mimosa como a d'uma donzella. Rosa infantil lhe avermelhava as faces; mas era uma rosa de côr desfeita. Leve buço lhe sombreava o labio, e pelo oval do rosto uma penugem dourada lhe assomava como a fêlpa que rebuça o pecego.

Faltava um ponto ao meu adversario para ga-

nhar. — A mim faltavam-me não sei quantos; sei só que eram muitos; e pois, requeria-se um grande sangue frio, e muito esmero no jogar.

Soltei a bolla. — N'essa occasião o bilhar estremeceu... o moço louro, voluntariamente ou não, se encostára ao bilhar... A bolla desviou-se, mudou de rumo: com o desvio d'ella perdi... A raiva levou-me de vencida. Adiantei-me para elle. Ao meu olhar ardente, o mancebo sacudiu os cabellos louros e sorriu como d'escarneo.

Era de mais! Caminhei para elle: resoou uma bofetada. O moço, convulso, caminhou para mim com um punhal; mas os nossos amigos nos sustentaram.

— Isso é briga de marujo. O duello, eis a luta dos homens de brio.

O moço rasgou nos dentes uma luva, e atirou-m'a á cara. Era insulto por insulto, lodo por lodo: tinha de ser sangue por sangue.

Meia hora depois tomei-lhe a mão com sangue frio e disse-lhe ao ouvido:

— Vossas armas, senhor?

— Sabel-as-heis no lugar.

— Vossas testemunhas?

— A noite e minhas armas.

— A hora?

— Já.

— O lugar?

— Vireis comigo! onde pararmos, ahi será o lugar.

— Bem, muito bem; estou prompto, vamos.

Dei-lhe o braço e saímos. Ao vêr-nos tão frios

a conversar, crêram uma satisfação. Um dos assistentes, comtudo, entendeu-nos.

Chegou a nós e disse:

— Senhores, não ha, pois, meio de conciliar-vos?

Nós sorrimos ambos.

— É uma creançada, tornou elle.

Nós não respondemos.

— Se precisardes de uma testemunha, estou prompto.

Nós nos curvámos ambos.

Elle entendeu nos: viu que a vontade era firme: afastou-se.

Nós saímos.

.....
Um hotel estava aberto; o moço levou-me para dentro.

— Moro aqui; entrai, disse-me.

Entrámos.

— Senhor, disse-me elle, não ha meio de paz entre nós: um bofetão e uma luva atirada ás faces de um homem, são nodoas que só o sangue lava. É, pois, um duello de morte.

— De morte, repetí como um ecco.

— Pois bem: tenho no mundo só duas pessoas — minha mãe e... Esperae um pouco.

O moço pediu papel, penna e tinta. Escreveu: as linhas eram poucas. Acabando a carta, deu-m'a a lêr.

— Vêde, não é uma traição: disse.

— Arthur, creio em vós, não quero lêr esse papel. Repelli o papel. Arthur fechou a carta, sellou o lacre com um anel que trazia no dedo.

Ao vêr o anel, uma lagrima correu-lhe na face e caíu sobre a carta.

— Senhor, sois um homem de honra. Se eu morrer, tomae esse anel; no meu bolso aehareis uma carta, entregareis tudo a... Depois dir-vos-hei a quem...

— Estaes prompto? perguntei.

— Ainda não! Antes de um de nós morrer é justo que brinde o moribundo ao ultimo crepusculo da vida. Não sejamos abyssinios; demais o sol no einabrio do poente ainda é bello.

O vinho do Rheno correu em aguas d'oiro nas taças de cristal verde. O moço ergueu-se.

— Senhor, permitti que eu faça uma saude eomvoseo.

— A quem?

— É um mysterio — é uma mulher, e o nome d'aquella que se apertou uma vez nos labios, a quem se ama, é um segredo. Não a fareis?

— Seja eomo quizerdes, disse eu.

Batemos os eopos. O moço ehegou á janella. Derramou algumas gotas de vinho do Rheno á noite. Bebemos.

— Um de nós fez a sua ultima saude, disse elle. Boa noite para um de nós; bom leito e somno soeegado para o filho da terra!

Foi a uma secretária, abriu-a, tirou duas pistolas.

— Isto é mais breve, disse elle, pela espada é mais longa a agonia. Uma d'ellas está carregada, a outra não. Tiral-as-hemos á sorte. Atiraremos á queima-roupa.

— É um assassinato...

— Não dissemos que era um duello de morte, que um de nós devia morrer?

— Tendes razão. Mas dizei-me: onde iremos?

— Vinde comigo. Na primeira esquina deserta dos arrabaldes. Qualquer canto da rua é bastante sombrio para dois homens dos quaes um tem de matar o outro.

À meia noite estávamos fóra da cidade. Elle pôz as duas pistolas no chão.

— Escolhei, mas sem tocar-as.

Escolhi.

— Agora vamos, disse eu.

— Esperae, tenho um presentimento frio, e uma voz suspirosa me geme no peito. Quero :e-zar... é uma saudade por minha mãe.

Ajoelhou-se. À vista d'aquelle moço de joelhos — talvez sobre um tumulo — lembrei-me que eu tambem tinha mãe e uma irmã... e que eu as esquecia. Quanto a amantes, meus amores eram como a sede dos cães das ruas, saciavam-se na agua ou na lama... Eu só amára mulheres perdidas.

— É tempo, disse elle.

Caminhamos frente a frente. As pistolas se encostaram nos peitos. As espoletas estalaram, um tiro só estrondou: elle caiu morto.

— Tomae, murmurou o moribundo, e acenava-me para o bolso.

Atirei-me a elle. Estava afogado em sangue. Estrebuchou tres vezes e ficou frio... Tirei-lhe o anel da mão. Metti-lhe a mão no bolso como elle o dissera. Achei dois bilhetes.

A noite era escura, não pude lê-los.

Voltei á cidade. A luz baça do primeiro lampeão vi os dois bilhetes. O primeiro era a carta para sua mãe. O outro estava aberto, li:

— «Á uma hora da noite, na rua de... n.º 60, 1.º andar, acharás a porta aberta.

«*Tua G.*»

Não tinha outra assignatura.

Eu não soube o que pensar. Tive uma idéa : era uma infamia.

Fui á entrevista. Era no escuro. Tinha no dedo o anel que trouxera do morto... Senti uma mãosinha assetinada tocar-me pela mão, subi. A porta fechou-se. Foi uma noite deliciosa! A amante do louro era virgem! Pobre Romeo! Pobre Julieta! Parece que essas duas creanças levavam as noites em beijos infantis e em sonhos puros!

(Johann encheu o copo, bebeu-o, mas estremeceu.)

Quando eu ía sair, topei um vulto á porta.

— Boa noite, cavalheiro, eu vos esperava ha muito.

Essa voz pareceu-me conhecida. Porém, eu tinha a cabeça desvairada...

Não respondi; o caso era singular.

Continuei a descer, o vulto acompanhou-me. Quando chegámos á porta, vi luzir a folha d'uma faca. Fiz um movimento e a lamina resvalou-me no hombro. A lucta fez-se terrível na escuridão. Eram dois homens que se não conheciam; que não pensavam talvez terem-se visto um dia á luz

e que não haviam mais vêr-se por ventura ambos vivos.

O punhal escapou-lhe das mãos, perdendo-se no escuro; subjuguei-o. Era um quadro infernal, um homem na escuridão abafando a boca do outro com a mão, suffocando-lhe a garganta com o joelho e a outra mão a tactear na sombra procurando um ferro.

N'essa occasião senti uma dôr horrivel; frio e dôr me corriam pela mão. O homem morrera suffocado, e na agonia me enterrára os dentes pela carne. Foi a custo que desprendi a mão sangrenta e descarnada da boca do cadaver.

Ergui-me.

Ao sair tropecei n'um objecto sonoro. Abaixei-me para vêr o que era. Era uma lanterna furtafogo. Quiz vêr quem era o homem. Ergui a lampada... O ultimo clarão d'ella banhou a cabeça do defunto... e apagou-se...

Eu não podia crêr, era um sonho phantastico toda aquella noite. Arrastei o cadaver pelos hombros... levei-o pela lage da calçada até ao lampeão da rua, levantei-lhe os cabellos ensanguentados do rosto... (um espasmo de medo contraiu horripelmente a face do narrador — tomou o copo, foi beber; os dentes lhe batiam como de frio, o copo estalou-lhe nos labios.)

Aquelle homem — sabeis-lo! era do sangue do meu — era filho das entranhas de minha mãe como eu — era meu irmão; uma idéa passou ante meus olhos como um anáthema. Subi ancioso ao sobrado, entrei; a moça desmaiára de susto ou-

vindo a lucta. Tinha a face fria como marmore. Os seios, nús e virgens, estavam parados e gelidos como os de uma estatua... A fôrma de neve eu a sentia meia núa entre os vestidos desfeitos, onde a infancia sellára a nodoa de uma flor perdida.

Abri a janella, levei-a até ahi...

Na verdade que sou um maldito!

Olá, Archibald, dá-me um outro copo, enche-o de *cognac*, enche-o até á borda! Vêdes: sinto frio, muito frio; tremo de calatrios e o suor me corre nas faces! Quero o fogo dos espiritos! a ardenscia do cerebro ao vapor que tonteia... quero esquecer!

— Que tens, Johann? tiritas como um velho centenario!

— O que tenho? o que tenho? Não o vêdes, pois? Era minha irmã!...

.....

VII

Ultimo beijo de amor

Well Juliet ! I shall lie with thee to night !

SHAKSPEARE, ROMEO.

A noite ia alta; a orgia findára. Os convivas dormiam repletos nas trevas.

Uma luz raiou subito pelas figas da porta. A porta abriu-se. Entrou uma mulher vestida de negro. Era palida, e a luz de uma lanterna, que trazia erguida na mão, se derramava macilenta nas faces d'ella e dava-lhe um brilho singular aos olhos. Talvez que um dia fosse uma belleza typica, uma d'essas imagens que fazem descorar de volupia nos sonhos de mancebo. Mas agora com sua tez livida, seus olhos accesos, seus labios roxos, suas mãos de marmore e a roupagem escura e gottejante da chuva, dissereis antes—o anjo perdido da loucura.

A mulher curvou-se; com a lanterna na mão procurava uma por uma, entre essas faces dormidas, um rosto conhecido.

Quando a luz bateu em Arnold, ajoelhou-se.

Quiz dar-lhe um beijo, alongou os labios... Mas uma idéa a susteve. Ergueu-se. Quando chegou a Johann, que dormia, um riso enbranqueceu-lhe os beiços; o olhar tornou-se-lhe sombrio.

Abaixou-se junto d'elle, depoz a lampada no chão. O lume baço da lanterna, dando nas roupas d'ella espalhava sombra sobre Johann. A fronte da mulher pendeu, e sua mão pousou na garganta d'elle. Um soluço, rouco e suffocado, offegou d'ahi. A desconhecida levantou-se. Tremia, e ao segurar na lanterna, resoou-lhe na mão um ferro... era um punhal... atirou-o ao chão. Viu que tinha as mãos vermelhas — enxugou-as nos longos cabellos de Johann...

Voltou a Arnold, saccudiu-o.

— Acorda e levante-te!

— Que me queres?

— Olha-me, não me conheces?

— Tu! e não é um sonho? És tu! oh! deixa que eu te aperte ainda! Cinco annos sem vêr-te! Cinco annos! E como mudaste!

— Sim; já não sou bella como ha cinco annos! É verdade, meu louro amante! É que a flôr da belleza é como todas as flôres. Alentae-as ao orvalho da virgindade, o vento da pureza, e serão bellas — Revolvei-as no lodo — e como os fructos que caem, mergulham nas aguas do mar, cobrem-se de um involucro impuro e salôbre! Outr'ora era Giorgia a virgem; mas hoje é Giorgia a prostituta!

— Meu Deus! meu Deus!

E o moço sumiu a fronte nas mãos.

— Não me amaldições, não!

— Oh! deixa que me lembre; estes cinco annos que passaram, foram um sonho. Aquelle homem do bilhar, o duello á queima-roupa, meu acordar n'um hospital, essa vida devassa onde me lançou a desesperação, isto é um sonho! oh! lembremo-nos do passado!

Quando o inverno escurece o céu, cerremos os olhos; pobres andorinhas moribundas, lembremo-nos da primavera!...

— Tuas palavras me doem... É um adeus... É um adeus, é um beijo de adeus e separação que venho pedir-te; na terra, nosso leito, seria impuro, o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta! Satan riria de nós. É no céu, quando o tumulo nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã do amor...

— Oh! vêr-te, e para deixar-te ainda uma vez! E não pensastes, Giorgia, que me fôra melhor ter morrido devorado pelos cães na rua deserta, onde me levantaram cheio de sangue? Que fôra-te melhor assassinar-me no dormir do ebrio, do que apontar-me a estrella errante da ventura e apagar-me a do céu? Não pensaste que, após cinco annos, cinco annos de febre e de insomnias, de esperar e desesperar, de viver por ti, de saudades e agonias, fôra o inferno vêr-te para deixar-te!

— Compaixão, Arnold! É preciso que esse adeus seja longo como a vida. Vês, minha sina é negra; nas minhas lembranças ha uma nodoa torpe... hoje! é o leito venal... Amanhã!... só espero no leito do tumulo! Arnold! Arnold!

— Não me chames Arnold! chama-me Arthur como d'antes. Arthur! não ouves? Chama-me assim! Ha tanto tempo que não ouço chamar por esse nome!... Eu era um louco; quiz afogar meus pensamentos, e vaguei pelas cidades e pelas montanhas, deixando em toda a parte lagrimas — nas cavernas solitarias, nos campos silenciosos e nas mesas molhadas de vinho! Vem, Giorgia! senta-te aqui, senta-te nos meus joelhos, bem chegada ao meu coração... tua cabeça no meu hombro! Vem! um beijo! Quero sentir ainda uma vez o perfume que respirava outr'ora nos teus labios. Respire-o eu e morra depois... Cinco annos! oh! tanto tempo a esperar-te, a desejar uma hora no teu seio?... Depois... escuta... tenho tanto a dizer-te! tantas lagrimas a derramar no teu collo! Vem! e dir-te-hei toda a minha historia! Minhas illusões de amante, as noites malditas de crápula e o tedio que me inspiravam aquelles beijos frios das vendidas que me beijavam! Vem! contar-te-hei tudo isto; dir-te-hei como profanei minha alma e meu passado, e choraremos juntos — e nossas lagrimas nos lavarão como a chuva lava as folhas do lodo!

— Obrigado, Arthur! obrigado!

A mulher suffocava-se nas lagrimas, e o manco murmurava entre beijos palavras de amor.

— Escuta, Arthur! Eu vinha só dizer-te adeus! da borda do meu tumulo; e depois contente, fecharia eu mesma a porta d'elle... Arthur, eu vou morrer!

Ambos choravam.

— Agora vê, continuou ella. Acompanha-me; vês aquelle homem?

Arnold tomou a lanterna.

— Johann! morto! sangue de Deus! quem o matou?

— Giorgia. Era elle um infame. Foi elle quem deixou por morto um maneebo, a quem esbofetára n'uma easa de jogo. Giorgia prostituta vingou n'elle Giorgia a virgem. Esse homem foi quem a deshonorou! deshonorou-a, a ella que era sua irmã!

— Horror! horror!

E o moço virou a eára e eobriu-a com as mãos.

A mulher ajoelhou-se a seus pés.

— E agora adeus! adeus que morro! Não vês que fico livida, que meus olhos se empanam, e tremo... e desfalleço?

— Não! eu não partirei. Se eu vivesse amanhã, haveria uma lembrança horrivel em meu passado...

— E não tens medo? Olha! é a morte que vem! é a vida que crepuseúla em minha frente. Não vês esse arrepio entre minhas sobraneelhas?

— E que me importa o sonho da morte? Meu porvir amanhã seria terrivel; e á cabeça apodrecida do eadaver não resoam lembranças; seus labios gruda-os a morte; a eampa é sileneiosa. Morrerei!

A mulher reeuava... reeuava. O moço tomou-a nos braços, pregou os labios nos d'ella... Ella deu um grito, e eafu-lhe das mãos. Era horrivel de vêr-se. O moço tomou o punhal, feehou os

olhos, apertou-o no peito e caiu sobre ella. Dois gemidos suffocaram-se no estrondo do baque de um corpo...

A lampada apagou-se.

FIM.

Saiu á luz e acha-se á venda na livraria dos editores
Maia & Ramos, rua de S. José, 113

<i>Os amores da brasileira</i> , por Léo Junius, 1 vol. nitidamente impresso	1\$000
Paschoal— <i>Esposa e Mulher</i>	1\$500
E. Sue— <i>Os Mystérios do Povo</i>	18\$000
» — » <i>de Paris</i> , enc.	12\$000
» — <i>O Judeo Errante</i> , 5 vol. enc.	15\$000
Terrail— <i>A mocidade do rei Henrique</i> , 5 vol. enc.	12\$000
Hogan— <i>Marco Tullio, ou o agente dos Jesuitas</i> , 4 vol. enc.	7\$000
Tarrágo— <i>O Monge Negro ou a fome em Madrid</i> , 2 vol. enc.	6\$000
E. Gaboriau— <i>O dinheiro alheio</i> , 2 vol. br.	2\$000
» — <i>Os autos n. 113</i> , br.	2\$000
E. Freire— <i>Flores do campo</i> , poesias	1\$500
» — <i>Os filhos das sombras</i> , poesias	1\$000
A. Dumas— <i>O capitão Paulo</i> , 1 vol. br.	1\$000
G. Kob— <i>Os dramas de Nova York</i> , 1 vol. br.	1\$000
Mery— <i>Um carnaval de Paris</i> , 1 vol. br.	1\$000
Montepin— <i>Os elegantes de outro tempo</i>	1\$000
Alencar— <i>O Guarany</i> , 2 vol. enc.	8\$000
» — <i>Senhora perfil de mulher</i> , 2 vol.	6\$000
» — <i>O Sertanejo</i> , 2 vol. enc.	6\$000
» — <i>A patz da gazella</i> , 1 vol. enc.	3\$000
» — <i>A viúvinha</i> , 1 vol. enc.	3\$000
» — <i>Ubirajara</i> , lenda tupy, idem.	3\$000
» — <i>Iracema</i> , lenda do Ceará, idem	3\$000
Macedo— <i>A moreninha</i> , idem.	3\$000
» — <i>Um noivo a duas noivas</i> , 3 vol. enc.	9\$000

Macedo — <i>Dois amores</i> , 2 vol. enc.....	5\$000
» — <i>O moço loiro</i> , 2 vol. enc.....	5\$000
» — <i>A baroneza de amor</i> , 2 vol. enc.	5\$000
» — <i>Roza</i> , 2 vol. enc.....	5\$000
» — <i>Mysteriosa</i> , 1 vol. enc.....	3\$000
» — <i>Victimas algozes</i> , 2 vol. enc..	5\$000
» — <i>Luneta magica</i> , 2 vol. enc...	5\$000
» — <i>Culto do dever</i> , 2 vol.	5\$000
» <i>Romances da semana</i> , 1 vol. ...	3\$000
A. Herculano — <i>O Eurico</i> , 1 vol. enc...	2\$500
» — <i>O monge de Cister</i> , 2 vol. enc.	5\$000
» — <i>Lendas e narrativas</i> , idem	5\$000
» — <i>Opusculos</i> , 3 vol. enc...	8\$000
» — <i>Poesias</i> , 1 vol. enc.....	2\$500
C. Branco — <i>Mysterios de Lisboa</i> , 2 vol. enc.....	4\$000
» — <i>O livro negro</i> , 1 vol. enc..	2\$500
» — <i>O amor de perdição</i> , idem.	2\$500
» — <i>Aonde está a felicidade?</i> 1 vol. enc.....	2\$500
» — <i>Um homem de brios</i> , idem.	2\$500
» — <i>Memorias do Guilherme do Amaral</i>	2\$500
» — <i>Brilhantes do brasileiro</i> , 1 vol. enc.....	2\$500
» — <i>A freira no subterraneo</i> , idem	2\$500

Esta casa tem sempre um variado sortimento de litteratura portugueza, franceza, livros para collegios e academias, objectos de escriptorio, papel, livros em branco, etc. Tudo por preços baratissimos.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).